

# *Ósmia, ou a Lusitana*

## TRAGÉDIA

### de Manuel de Figueiredo

#### DISCURSO

*Confesso que, apesar daquela indiferença com que cerrei o Discurso que precede a minha comédia intitulada o Fatuinho, desafogo e confiança em que perseverei, animando-me a escrever sete, superior a toda a preocupação, a todos os prudentes motivos que deveriam fazer-me recear das miúdas e delicadas críticas que lança de si o bom gosto com que hoje cultivamos as Belas Letras, teve um grande desconto aquele alvoroço de que se encheu o coração quando, bem por acaso, achei contra a seguida tradição dos nossos escritores, na inviolada Ósmia, o assunto mais próprio para uma tragédia portuguesa. De nenhuma se desvanece esta Nação; critica as antigas e não lê as modernas.*

*Que vaidoso, ou que impudente, se não intimidara? fundando-se por estes, ainda que raros, mas sucessivos e confiantes factos, a opinião de que o nosso idioma (tão próprio para todos os mais poemas, como eles têm mostrado, e confirmam as obras métricas que aparecem cada dia) tinha repugnância invencível para semelhante composição: pois nem a imaginação, nem o génio faltou em tempo algum aos cisnes do decantado Tejo, Douro e Lima, que hoje disputam o conhecimento da Arte ao Lácio e ao Pireu.*

*Esta alma portuguesa, tão apaixonada pelo espírito da Nação, como pela força e brandura da língua; nem se intimidou com os funestos exemplos, nem teve por inconcussa a opinião; tão longe porém de persuadir-se de que a minha tragédia firmará a contrária, que tento mostrar que em franca e péssima linguagem se pode sustentar a tragédia, melhor que outro algum poema: a frase das paixões não tem o seu sublime na pureza, na arte ou na energia da dicção. A nenhuma nação colérica, briosa e sensível qual é a portuguesa pode faltar a verdadeira expressão do ânimo arrebatado, compadecido e furioso.*

*Isto e o vasto campo que me dava o assunto para fazer luzir as ideias que a natureza e a lição me obrigam a conceber dos excessos, que distinguem o carácter da Nação, ou daquela irritada virtude que o constitui, me instigaram a principiá-la: deleita-se o ânimo e a pena corre de vontade, como em cousa própria. Talhe a cegueira, que não choro o tempo em que escrevi, e pode agradecer-me, conhecendo-lhe tais defeitos, como são:*

*Faltar-lhe o interesse digno da majestade do poema; serem as régias, os átrios e as praças, a tenda de uma escrava; as personagens inferiores à nobreza da tragédia; os episódios atrevidos em uma história tão sabida; a sentença trivial; a moralidade, a que não podia deixar de tirar-se do assunto; o estilo, ora guindado, ora baixo e ora lírio, e digam que quase sempre declamatório; os versos de quem não é conhecido por outros; a frase do que ainda lê português, para restaurar o estrago que fez na sua língua, a demora de seis anos em um país cujo idioma é o mais prejudicial ao idiotismo da nossa; os contágios universais de ler*

*mais francês que português; de não poder escutá-lo sem dar um ouvido ao arcaísmo e outro ao barbarismo; rompo a cena enfim por um enigma e fecho-a ensanguentando o teatro. Que crimes! E agrada-me?*

*Bastam estas monstruosidades para fazerem a tragédia, talvez indigna até deste nome aos olhos do conhecedor: O mais indulgente não as saberia perdoar, nem ao que escrevesse para matar a fome. Caia embora a crítica sobre o estilo difuso, porque me explico no drama; mas saiba-se também que não foi desmazelo, foi sim gosto. Leio Freire, mas decoro Sousa. A minha memória é tão fraca, tão débil na verdade, que me lembrará talvez o que cuido que me ocorre; mas sem esta dúvida conservei muitas cousas que me vieram primeiro à imaginação, lidas algum dia nos nossos bons Portugueses, Latinos, Espanhóis, Italianos, e talvez Franceses; não por imitar os melhores poetas, não por julgar que dava com eles algum merecimento à minha fábula (ser-lhe-ia preciso não ter nenhum), mas por serem as melhores que achei para o caso. Conheço os furtos que envergonham os poetas; são os que se permitem por direito a todos os mais, os que nascem da indigência. Sirvo-me do capote do meu amigo com desembaraço, que vê que posso cobrir-me com os meus: não é traje para luzir.*

*Protesto com aquela ingenuidade em que sempre me fio, que nestes últimos tempos tenho lido versos em alguns poemas, a que os meus ouvidos não sabem achar harmonia, não podendo os gorgomilos por estreitos engolir ou tragar as figuras precisas, não para os fazer cadentes, mas para eu não deixar de chamar-lhes versos (seus autores acharão talvez duros a alguns dos que se encontram nos poemas dos nossos mestres). Ao mesmo passo, que tirando-lhe uma ou mais sílabas, ficavam constantes. Isto é uma satisfação aos errados que se acharem na mesma tragédia, pois sempre tive para mim que estes de que falo o não estavam.*

*Não só para aquela correção, que não deixa de ser a mais precisa, pois já hoje todos ali chegam, não estamos no tempo de Horácio. A qualquer surdo fere a falta de harmonia; qualquer toupeira é lince, e cada um deseja molhar a sua sopa e mete a unha que tem. Mas para a das mais partes essenciais de tão delicado poema, necessitaria eu de mostrá-lo a um Quintílio e demorá-lo na minha mão; vê-lo e revê-lo com todas as precauções que diz Horácio, e são indispensáveis; mas o conceito que eu faço dele, como mostro pelos defeitos que lhe noto, e pelos que não digo, não merece um tal desvelo. Se o desenho não é correcto, se a acção é defeituosa, não é perder o tempo que se gasta no polimento e ornato da figura?*

*E que homem prudente e amigo sincero (que custaria a achar) por mais desinteressado que fosse, pondo os olhos na preocupação dos maus poetas, e lembrando-se de tantos exemplos da sua animosidade; dando ouvidos ao conselho de outros filósofos que decidiram esta questão, deixará de lisonjear, e não de criticar um poeta da minha esfera, dizendo um daqueles graciosa e prudentissimamente, que o único partido que terá o desgraçado censor, que não pode escusar-se de pegar na obra, será o de fechá-la, como se tivesse dentro um áspide, e acompanhada de grandes elogios, restitui-la intacta a seu autor, passados alguns dias?*

*O público é juiz e o crítico severo. Não só aos pintores mostrava Apeles as suas obras. Gabar rocins, ouço eu de costume a bons curiosos de cavalos. Toda a pessoa é remissa a fazer a abstracção de si, nem as sátiras, nem as injúrias o conseguem; porém ao que conhece, que a verdadeira glória é o ser benquistado, e que sempre trabalhou, e com alguma fortuna por alcançá-la, são em assuntos literários aqueles únicos estímulos, o que obriga às mais judiciosas reflexões, de que é capaz este indivíduo a que chamamos Homem: e nunca pode haver receio de*

*que o amor próprio o deixe sujeitar à opinião do ignorante, e sim muita esperança de que se aproveite dos bons reparos, que quase sempre vêm misturados nelas, e luzem como o ouro, ainda que envolto em grande porção de terrenas e desprezíveis matérias que se arrojam.*

*Este é o sistema de Gerardo na minha comédia dos Fastos de Amor e Amizade, e o em que me fiei para corrigir os meus dramas, que nem a uma só pessoa quis ler. Se o agrado do público, a crítica dos sábios, a óptica do teatro aos olhos de seu autor os fizerem dignos da minha verdadeira afeição, os reimprimirei e os farei luzir com alheios polimentos, e com todo o cabedal que houver no pequeno tesouro da minha capacidade; se não, enjeitá-los-ei com barbas e rir-me-ei de mim, como já principio a fazer, pela tal qual lisonja com que os leio.*

*Se o acaso fazer que eu me encontre em algum daqueles lugares de que fio o crédito e reputação da minha tragédia, com outro algum, ou idêntico, ou semelhante de qualquer autor dos que as compuseram, será a minha maior glória: tão sossegada tenho a consciência nesta parte; e já conheço por experiência o gosto que causam estes inesperados acontecimentos, pois a quatro deste mês li em casa de Mr. Reycend na Poética de Mr. Voltaire, que comprei, se não tudo, uma grande parte do que disse quase um ano antes, no Discurso que precede a minha primeira comédia Escola da Mocidade, e poucos meses depois no da Apologia das Damas, sem encontrar vestígios em algum outro dos que escreveram do teatro: eu não li todos.*

*Aqueles que não estiverem obrigados a crer-me, cotejem os lugares, e logo saberão da dúvida; assim porque as cópias são sempre mais tímidas que os originais, como porque os meus fundamentos prescindem daqueles motivos, porque o mesmo célebre poeta deixou de falar em algumas cousas, paleou muitas, e apenas em embrião quis mostrar-nos outras. Confrontem por exemplo o monólogo, e verão se acaso o não tem por indigno do bom drama; e a razão, por que tocando uma e outra vez nele, quis, e se não atreveu a dizer, que uma das maiores inverosimilhanças dos peiores teatros, é a única que se conserva nos bons.*

*Muito violentei a minha modéstia para apontar este lugar; vejam, se quiserem, os mais que têm relações com os dos mesmos Discursos, e alguns dos outros que precedem os meus dramas. Já me envergonho de falar neles, pois uma só vez o não faço sem lembrar-me do Sopico, quando entre vivos e agudos epigramas, refere as sensaborias do Reverendíssimo P. Mestre o Senhor Fr. José seu tio.*

*Lisboa, 31 de Outubro de 1773.*

## ARGUMENTO

*A lusitana Ósmia, com quem a natureza largamente repartira dos bens da alma e do corpo, foi pretendida por esposa de alguns Lusitanos da primeira nobreza. Aconteceu-lhe neste caso o que é ordinário, ser sacrificada ao interesse, e entregue ao mais rico. Algum tempo depois de casada, um mancebo romano a fez prisioneira de guerra juntamente com seu marido. ferido o Romano de sua rara formosura, se namorou dela perdidamente; mas a presença nobre e grande gravidade de Ósmia, a sua modéstia e sobretudo o temor de lhe causar desprazer, o continham no silêncio. Porém, crescendo cada vez mais a paixão e condescendendo unicamente com ela, fala enfim e descobre o seu amor. Ósmia o despreza e com seu rigor o reduz a desesperação; mas continua todavia em suspirar e os seus suspiros fazem finalmente algum abalo em Ósmia. Aproveita-se ele deste momento e lhe arranca a confissão de que é amado. Esta confissão o enche de mais viva alegria e faz imaginar ter conseguido uma completa felicidade. Ósmia, pelo contrário, tornando a si daquele desacordo agradável que causa ordinariamente uma paixão, quando nasce, se entrega às mais funestas reflexões: envergonhada de sua fraqueza, fez dela mesma um crime ao seu amante, e a si acusa de amar um Romano, um inimigo capital da sua pátria. Procura recobrar toda a sua virtude e lembrar-se da lei do decoro; porém tem o coração todo ocupado do amante. Neste estado, ora arrebatada do seu amor, ora reduzida pela razão, hesita, inclina-se a um e a outro partido, sem saber qual deles tomasse. O esposo percebe nela este violento desassossego e lhe pergunta qual é a causa dele. Ósmia perturba-se; e tendo para si que tudo dá nela a entender a sua secreta paixão, julga que a deve confessar a seu marido, exortando a que a tire, se lhe é possível, das mãos do seu inimigo, para salvar a sua honra e virtude. O Lusitano ordena a sua mulher que avise o amante para lhe falar de noite em um lugar aprazado e aí o mate às punhaladas. Enche-se Ósmia de horror com esta proposta, e vendo-se na triste necessidade de perder, ou o Romano, ou a estimação e conceito de seu marido, se entrega a lágrimas e desesperação. Seu amante, que ignora a causa disto, usa de tudo quanto o amor mais terno pode inventar para consolá-la; mas cousa nenhuma é poderosa a dissipar sua profunda tristeza. Crê ele que é aborrecido e oferece a Ósmia a liberdade, a fim de a livrar de ter presente um objecto que lhe é odioso. Fez isto nela uma notável impressão; mas não se atreve todavia a descobrir-lhe a causa verdadeira das suas lágrimas. Finalmente, vencida da dor, toma um punhal e mata-se.*

Verbis ibi.

## PESSOAS DO DRAMA

ÓSMIA	Lusitana, escrava de
LÍVIO	Oficial romano
ERECINA	Lusitana, escrava de
FÁBIO	Oficial romano
MINURO <sup>1</sup>	Lusitano, escravo
TÂNTALO <sup>2</sup>	Lusitano, escravo
RAGÚCIO	Marido de Ósmia
Dous soldados romanos	Pessoas mudas
Uma guarda ou patrulha	

*A cena se figura em um arraial dos Romanos no Carmena.*

---

<sup>1</sup> Foi um dos três que, comprados pelos Romanos, assassinaram o grande Viriato.

<sup>2</sup> Foi general, ou capitão dos Lusitanos, depois da morte de Viriato.

# *Ósmia, ou a Lusitana*

## TRAGÉDIA

### ACTO PRIMEIRO

#### CENA I

Habitação de Ósmia. Tenda de campanha, forrada de peles de animais e sejam ferinos.

#### ÓSMIA E MINURO

##### ÓSMIA

Eu!, rendida aos afectos de um Romano!<sup>3</sup>

##### MINURO

Não te perturbes, Ósmia, nem o negues;  
O teu semblante e o dele dão indícios  
Tão fiéis da paixão que as almas une,  
Que intentas desmenti-la inutilmente.

##### ÓSMIA

Só se os Deuses, Minuro, como à filha  
De Minos desgraçada, à infeliz Ósmia  
Pretendem abrasar involuntária  
O coração fiel!

##### MINURO

Aquele horror  
Que te fez rejeitar a mão de Lívio,  
Nesses fatal instante em que te falava  
Da de teus inimigos, se tornou  
Em moleza e carícias: a tristeza  
Que se lia nos olhos do Romano  
Desaparece e neles só reluzem  
Os alvoroços da ávida esperança.  
Lembrem-te esses sagrados juramentos  
Que deste contra Roma: Não ofendes  
O sacro rito...

---

<sup>3</sup> *Negando com ar de compreendida.*

ÓSMIA

Como não ofendo?  
Pois a fé conjugal?...

MINURO

Ragúcio é morto.

ÓSMIA

Ah!, por isso, Minuro, a injusta Vénus  
De longe magoada e ressentida,  
Como a fé dos mortais contaminou  
Contra a Pátria inocente, contra Ósmia  
Subornar queria as Divindades.

MINURO

Culpa a tua fraqueza, temerária!  
E não os imortais.

ÓSMIA

Ósmia: fraqueza!  
Os mesmos imortais inutilmente  
Abrasar queriam, respirando  
O venerado esposo, o coração  
Fiel, se não amante, da consorte  
Que Diana defende.

MINURO

Respirava  
O prófugo Teseu e a casta esposa,  
De que já te lembraste em ódio dela  
Se viu por outra Deusa...

ÓSMIA

Ah, Vénus, Vénus!  
Vénus inexorável, se inda vingas  
Nos brandos corações das infelices  
Matronas lusitanas esse crime  
Expiado por tantas, tantas vezes.  
Se tocam nossas praias teus validos  
NO funesto baixel da mole Chipre.<sup>4</sup>  
Se Maherbal, se as Leis, as Leis da Guerra

---

<sup>4</sup> Vid. Pol. Mor. e Civ. Tom. IV. pág. 44.

Aprazaram, confiscam inimigos  
Da soberba Cartago e lhes não valem  
No calor da peleja os respeitáveis  
Ídolos tutelares, nem as mesmas  
Tuas santas imagens; antes duro  
As cadeias lançava ímpio e cego  
À mesmo mão devota que os arvora,  
Que deles faz escudo, a quantos via  
Com elas abraçados: Não erige  
A teu filho depois sumptuoso templo  
E não compensa o dano que lhes causa  
O sacrílego Tírio a Lusitânia?  
Não lhes dá liberdade e facilita  
Habitar nossos campos? não te invoca,  
Não fumam teus altares? Ou sensível  
Às lágrimas de Tântalo pretendes  
Na abominável chama vingar essa,  
Que em menos preço teu soube apagar  
A minha filial, santa obediência?  
Para não abrandaste o coração  
Do despótico pai, cru, avarento,  
Que de Tântalo em vez me deu Ragúcio!  
Ah, como to pedi! porém em vão.  
Assim a triste Fedra, a quem tu mesma  
Conhecias, chamavas inocente,  
Se cansou de implorar: em vão dedica  
Soberbo santuário a tuas iras:  
Ah, Vénus implacável, não me engana  
A tua lisonjeira, mansa cólera:  
Nem perdoas, nem poupas torpe, insana,  
As inocentes vítimas; só sangue,  
Só sangue te sacia.

#### MINURO

Enfim, modera  
Os remorsos cruéis, menos fatal  
É já tua cegueira: Não ofendes  
O sacro rito, és livre: agonizando  
Vi no campo de Galba, não te aflijas,  
Vítima da traição, da tirania  
Teu defunto marido: balbuciante,  
Mas inda a voz errante lhe fiava,  
Em golfadas de negro sangue envolta,  
Os últimos suspiros, pios, dignos  
De uma alma lusitana; ainda podia  
Articular constante o doce nome  
Com que expira na boca: ó Pátria! Ó Ósmia!

#### ÓSMIA



E possível será! Ó Ósmia! Ó Pátria!  
Que os mesmos olhos, Céus, que não puderam  
Suportar a execranda horrível cena,  
Voltando assombrados, como o Sol  
Da mesa de Tiestes, se fitassem  
No Romano de forte, que acendessem  
Amor no peito bárbaro? Que amor,  
Amor e não piedade lhe excitasse  
Esse heróico valor com que defende  
E dilata meus dias, não temendo  
Ver expirar os seus; sacrificando-os  
Por uma inimiga a mais cruel,  
Que nunca terá Roma? Ah, olhos, olhos!  
Desceria por vós ao coração  
O veneno fatal? ou Vénus mesma  
Vos enxugou as lágrimas; cerrou  
A ferida mortal. Deus! castos Deuses,  
Eu rendida aos afectos de um Romano!  
Ele se desvanece, tu me culpas!<sup>5</sup>  
O ser agradecida é ser sujeita?  
Não ser ingrata, acaso é ser amante?  
Não pedir, não querer a liberdade <sup>6</sup>  
Da mão desses tiranos, é beijar  
As cadeias que arrasto envergonhada?  
Ou esse amor da vida; e tu vaidade, <sup>7</sup>  
Transportastes de modo esta alma fraca,  
Que confunde a virtude? <sup>8</sup> Não, Minuro,  
Em ti foi ilusão, nele amor próprio.  
A minha autoridade o desengane,  
A tua presunção se desvaneça:  
Observa-me severo e no silêncio  
A teu senhor de meu consorte esconde  
O mísero destino: Ele parece,  
Bárbaro como é, que lá respeita  
O sacrossanto nó. Quem sabe, ó Deuses!  
Se da Religião, faltando o medo,  
Desaparecerá tanta virtude,  
Que eu lhe inveja e te espanta: E recobra  
Aquela que tu dizes que perdi,  
Por este coração já ressentido,  
Horrorizado fim, do vergonhoso  
Escândalo que dei (tu mo estranhaste) <sup>9</sup>  
Malogrará talvez, precipitada,

---

<sup>5</sup> *A Minuro.*

<sup>6</sup> *Arrogante.*

<sup>7</sup> *Com desprezo.*

<sup>8</sup> *Resoluta e inteira.*

<sup>9</sup> *A Minuro.*

A grande acção de Lívio. Ah, Ósmia, Ósmia!  
Dada por um Romano, nem a vida  
Te devera ser cara.

## CENA II

### LÍVIO

Sai, Míuro.<sup>10</sup>

Gentil Ósmia, depõe, depõe o susto,  
O terror feminil, pânico medo.  
Nenhum outro Romano tem no peito  
O coração de Galba: Nos ouvidos  
De todos ele sabe, que inda soam,  
Depois de tão punidos, tão vingados,  
Os últimos suspiros da Matrona  
Violada: E tanto que nenhum  
Profere sem tremer, depois do insulto  
Da famosa Lucrecia, o detestável  
Feio nome de adultério: o pecado,  
Sepulta com seus reis a vingadora  
Religiosa Roma. E se abortasse  
A cólera dos Deuses algum monstro  
Da casta abominável do cruel  
E soberbo Tarquínio; ainda guardo  
Nestas veias, formosa Lusitana,  
O resto desse sangue que perdi  
Para livrar-te a vida, porque corra  
'Té à última gota derramado  
Para salvar-te a honra. Porém, Ósmia,<sup>11</sup>  
Teu semblante viçoso, tenra idade,  
A virginal garganta, castos olhos:  
Esse rubor, o pejo, esse contínuo  
Sobressalto e pavor em ti descobrem,  
Mais que não de casada, alma inocente  
De uma donzela intacta... Choras?

### ÓSMIA

Que já mais presumi, que impunemente  
Me afrontasse ninguém, e muito menos,  
(Perdoa-me, senhor) que eu o sofresse,  
Nem ao pretor, ao cônsul, ao Senado.  
Jurei fidelidade conjugal  
No Templo de Minerva, inda seis meses  
Não correram, depois que o santo nó,  
Unindo os corações, uniu as almas:

---

<sup>10</sup> *Sai e assusta-se Ósmia.*

<sup>11</sup> *Afectuoso.*

E jurou-ma recíproca Ragúcio,  
Dos ilustres da Pátria e o mais rico  
De toda a Lusitânia.

LÍVIO

Basta, basta.

ÓSMIA

Não basta, não; talvez que inda em teu dano  
E castigo de Roma, pois feitos  
O conheças melhor, que pelo nome.  
O generoso sangue de Apimano,<sup>12</sup>  
(Estremeceste, Lívio) é o que pulsa  
No valeroso peito: e o Céu, os Deuses,  
Que da traição infame o preservaram,  
De que foi testemunha...

LÍVIO

Infeliz Ósmia,  
Bem o podes chorar defunto.

ÓSMIA

Bárbaro!<sup>13</sup>  
Vivo o deixou Minuro, ileso e salvo:  
Se a Pátria o não chamara, ou se soubera  
Meu infeliz destino, ainda aqui mesmo  
Te viria afrontar. O seu ciúme  
O fará temerário.

LÍVIO

Tanto orgulho...

ÓSMIA

Mas se os fados cruéis, fados injustos!,  
Lhe cortassem o fio de que depende  
Uma arriscada vida, entre inimigos  
Traidores e tiranos, como são  
Os da tua Nação...

LÍVIO

---

<sup>12</sup> *Repara Lívio.*

<sup>13</sup> *Assusta-se o Romano, como que estranha.*

Mas generosos...

ÓSMIA

Generosos sereis, sim, com aqueles  
Que vos temem; porém o baixo medo  
Que tendes concebido aos Lusitanos  
Vos abate essa glória, quando viste  
Que não fossem tiranos os medrosos,  
Traidor a pusilânime? Se a Parca  
Cortasse, como digo, aquele fio:  
Vaidoso Romano, não esperes,  
Não presumas comprar o teu triunfo  
C'o sangue que perdeste, nem c'o a dádiva  
Desta vida infeliz: essa lembrança  
É menos um suspiro que me custa,  
É um impulso mais que anima o braço  
No lance de perdê-la.

LÍVIO

Ah, que tão crua  
E tão bárbara acaso não serás,  
Quando nem a razão, nem os costumes,  
O rito, nem os Deuses apadrinhem  
Uma resolução que só se funda  
Naquele ódio mortal que eles criminam.<sup>14</sup>

ÓSMIA

Quem escala?...

LÍVIO

Sossega: da tua Pátria  
Uma nobre cativa desse lado  
Tem o domicílio: seu senhor  
Me facilitou hoje aquela digna  
Companhia que há tanto suspirava,  
Para ver se perdias esse espanto,  
Esse pejo, esse medo, esse receio,  
Que não pode tirar-te a experiência  
De meus puros costumes. Já respiras?  
Mas tornas a chorar?

---

<sup>14</sup> *Rompem dous soldados romanos a tenda pela parte interior, para abrirem uma comunicação; e Ósmia, ao impulso que nela sente, se lança a querer tirar a espada da cinta de Lívio. Os soldados aparecem depois e se retiram pela mesma comunicação que abriram.*

ÓSMIA

Temo a piedade  
Dos corações Romanos.

LÍVIO

Tu não podes  
Conhecer até onde, infeliz Ósmia,  
Se estenda a virtude, sim, daquele  
Que detestas por bárbaro: talvez  
Se o viras, ingrata, se o souberas,  
Ingrata não serias. Porém culpa,  
Culpa a tua beleza: ela detém  
Seus mais nobres estímulos: amor,  
Amor te prende. Amor, amor te faz  
Ser a mais infeliz de todas quantas  
Escravas me tocaram no despojo  
De tantas mil vitórias. Nem só uma  
Esperei que pedisse a liberdade:  
Esse tráfico vil (abone-o a guerra)  
Sempre olhei com horror: as desgraçadas  
Generosas matronas que inflamou  
A liberdade, a Pátria, o seu valor  
A tomar o punhal, brandir a lança,  
Deveram respeitar, não abater  
As santas Leis.

ÓSMIA

Ó Céus!

LÍVIO

Estes costumes,  
Minha alma gloriosa, as tuas lágrimas  
São um remorso tal, que sem baixeza  
Não posso reprimir, eu o conheço,  
Mas suporto-o. Meu ânimo constante  
Resoluto uma vez reclama austero  
Sua antiga virtude: Já se eleva;  
Porém logo abatido, escravo e cego,  
Tem recusa mesquinho, e não me venço.

ÓSMIA

Como queres vencer-te, se és Romano?  
Uma palavra só te não falei  
Na minha liberdade... minto?

LÍVIO

Não.

ÓSMIA

Perdeste-la tu já?

LÍVIO

Sim.

ÓSMIA

Pois reflecte.

Se acordado, ou dormindo, alegre ou triste,  
No bom, no desgraçado cativo,  
Deixaste de pensar um só instante  
Na liberdade, dize, inestimável  
Maior bem dos humanos: E discorre,  
Depois de tais excessos, quais devo,  
De tanta piedade, quanta tens;  
Qual seria a razão que embaraçasse  
De cair-me uma lágrima, uma só,  
(Quando derramo tantas) em favor  
Da minha liberdade? Qual seria?  
A vileza romana.

LÍVIO

Tu me insultas!

ÓSMIA

Pois confunde-me, vence-te! primeiro  
Se gelaria o Sol, ardera a neve.  
Desculpa-me, senhor: Tu podes ser  
Religioso, sábio, compassivo,  
Cavalheiro, gentil, e ainda podes  
Ser desinteressado, ser magnânimo;  
Mas virtuoso não: tu és Romano.<sup>15</sup>  
Conhece-te, envergonha-te: e se não,  
Ostenta, ostenta, mostra, mostra ao Mundo  
Uma acção grande; mostra uma acção digna,  
Não de Hércules, Teseu, não; porém de um,  
De um vulgar Lusitano temerário!  
Deles, não dos Romanos, confiastes,  
Ó Deuses imortais, as almas grandes.

---

<sup>15</sup> *Aflige-se Lívio e fica pensativo.*

Tenha Roma vanglória, pode tê-la,  
De desumanidades, de traições,  
Que ninguém lhe disputa. E tu, senhor,  
O menos vicioso dos Romanos,  
Enganado por essas qualidades  
Vagas e subalternas, que te fazem  
Gigante entre pigmeus; guarda silêncio  
Diante de quem ouve desde o berço  
Espantosas acções, e vê heróis;  
E contenta-me, sim, sim, desvanece-te  
De ser grande somente entre pequenos:  
Um conceito não faças tão humilde.

LÍVIO

A paixão dos heróis...<sup>16</sup>

ÓSMIA

Heróis são esses  
Que vencem as paixões.

LÍVIO

Tem-nas os Deuses.

ÓSMIA

Mas podem dominá-las.

LÍVIO

De ser homens,  
Não deixam os heróis.

ÓSMIA

Heróis não fazem  
As fraquezas dos Deuses.

LÍVIO

As virtudes  
Não são acessíveis.

ÓSMIA

Sim, àqueles

---

<sup>16</sup> *Afrontado.*

Que nascestes Romanos.

LÍVIO

O orgulho à virtude.  
Não conduz

ÓSMIA

Quem confessa fraquezas.  
Não a tem

LÍVIO

Imitei já dos Deuses.  
Mil acções

ÓSMIA

Talvez que preservasse.  
Nesta vida <sup>17</sup>

LÍVIO

É o dá-las, ingrata.  
Deles só

ÓSMIA

É maior mal que a morte. A morte heróica  
É mais cara que a vida.  
A escravidão

LÍVIO

E longe de teus olhos...  
Eu amo a minha, <sup>18</sup>

ÓSMIA

Cara Pátria...  
Se a minha desgraçada formosura  
Nos olhos deste bárbaro <sup>19</sup> me rouba  
Aquele doce bem, de dar por ti  
O último arranco, nesse dia  
Que a cólera dos Deuses e dos homens

---

<sup>17</sup> Com ironia.

<sup>18</sup> Com afecto e ternura.

<sup>19</sup> Pasma Lívio, como que estranha Ósmia.



Por esta época terá da decadência  
Da vaidosa Roma; que inimigo,  
Inimigo comum será de toda,  
De toda a geração que cobre a terra:  
Sacrossanta virtude, põe teus olhos  
Na casta Lusitana! anima o braço  
De uma fraca mulher. Salva-lhe a honra.<sup>20</sup>

LÍVIO

Aí tens esse ferro, salva-a, mata-me.<sup>21</sup>

ÓSMIA

Ó Deuses!

LÍVIO

Sim, cruel:<sup>22</sup> rasga, atravessa  
O generoso peito.

ÓSMIA

Tira.<sup>23</sup> Ó Deuses.

LÍVIO

Pois de mim não presumas apartar-te,<sup>24</sup>  
Se vires que respiro: Enquanto anime  
Um alma forte ou fraca o Tigre Hircano,  
Ou a serpente, ou monstro tão ferino,  
Que te ama, te respeita e que te sofre:  
Tão carniceiro, sim, que derramou  
E derramara todo quanto o sangue  
Pelas veias lhe corre, quanto nutre  
Suas duras entranhas, sim, se tanto,  
Se tanto, ah cruel, fora preciso  
Para poupar o teu. Nunca tão bravo  
Me viu o inimigo sobre as armas:  
Tal ira no meu peito acendeu nunca  
O rancor lusitano: tão pesado  
Jamais sentiu o braço o mole Arménio,  
O ardente Africano, o duro Celta:  
Rompi, desfiz, cortei, feri, matei:

---

<sup>20</sup> *Chora.*

<sup>21</sup> *Atira com a espada.*

<sup>22</sup> *Pega na espada; e apontada no peito se vai chegando para que Ósmia a empunhe.*

<sup>23</sup> *Assombrada e confusa.*

<sup>24</sup> *Embainha.*

Dize tu que o viste, sim, responde:  
Os inimigos? Não, os meus soldados.  
Os meus contrários? Não, os meus amigos.  
Os traidores à Pátria? Os mais fiéis  
Vassalos da República. Assassino  
Meus amados patrícios, por salvar  
A maior inimiga que tem Roma.<sup>25</sup>

ÓSMIA

Eu não resisto, Deuses protectores...

CENA III

ERÉCIA, ÓSMIA

*Entra ERÉCIA pela comunicação que se fez na tenda.*

ERÉCIA

De que alívio, senhora.<sup>26</sup>

ÓSMIA

Mal o sabes.

ERÉCIA

Te poderá servir uma infeliz?

ÓSMIA

De quanto pode ter um desgraçado.<sup>27</sup>  
Quem não sentiu o mal, pouco se dói.

ERÉCIA

A quem fará lástima?...

ÓSMIA

Nem sabe  
Dar-lhe consolação, nem quando os ente.  
O sofrê-lo é que instrui, isso é que ensina  
A socorrer os míseros, e assim

---

<sup>25</sup> *Parte.*

<sup>26</sup> *Chorando.*

<sup>27</sup> *Abraça-a.*

Nós, que somos no mal participantes,  
Se nos não consolarmos, choraremos.  
Só do Céu...

ERÉCIA

Com que susto! e com que mágoas!  
O triste cativoiro.

ÓSMIA

Não: a Pátria  
Esgotando-se em sangue; e nós, coitadas!,  
Sem poder socorrê-la. Quando, às lanças,  
Às espadas, aos dardos as mãos faltam;  
Que lhes não faltariam, se avisados  
Temêssemos amigos, aos que tremem  
De ter-nos por contrários. Quando estranha  
A guerreira caduca, o peso às armas;  
E ml diz a Noviça o débil braço:  
Ver cruzados os meus, a elas feitos;  
E no vigor da idade, é um tormento  
Que me faz esquecer de todos quantos  
(Mal sabes) me cercam.

ERÉCIA

Ah! que não.  
Perdoa-me, senhora, que o valor  
Não é virtude, não, do fraco sexo.

ÓSMIA

Fala a necessidade.

ERÉCIA

E dessa mesma,  
Que se segue?

ÓSMIA

Talvez a liberdade.

ERÉCIA

Demo-la nós à Pátria?

ÓSMIA

Conservámo-la?

ERÉCIA

Somos vaidosas.

ÓSMIA

Dizem-no os guerreiros.

ERÉCIA

É por lisonjear-nos.

ÓSMIA

Nossos homens  
De tudo cederam, menos da glória.  
O desejo de sós a conseguirem,  
(A poderem connosco disputá-la)  
Injustos os faria e não cortesês.  
Não te seja fatal a iníqua inveja  
Que tanto nos arrasta: essa bastarda  
Da ambição generosa: Infeliz Pátria!  
Das mãos arrancará dos mesmos filhos  
Com a vida o triunfo, o pai zeloso,  
Pela canina inveja devorado.

ERÉCIA

Mas as leis da modéstia e do recato  
A que se não expõem? Como se podem  
Salvar intactas, conservar ilesas:  
Quais as castas donzelas e as já nuptas  
Devem satisfazê-las? Leis pesadas  
E sacrossantas! Pois, se as violamos,  
Fica-nos o remorso mais cruel  
Que a própria morte, ó Céus, e não nos custa  
Nada mais que a vida executá-las.  
A isto obriga a honra, dize agora,  
Como a defenderás?

ÓSMIA

Morrendo.

ERÉCIA

Vai

Infinita distância do propósito

À execução.

ÓSMIA

Vai, mas na guerreira  
Não milita essa regra; porque nelas  
O desprezo da vida se antecipa  
Ao susto de perdê-la. Quem não teme  
Sacrificá-la à Pátria, não vacila  
Em dá-la pela honra.

ERÉCIA

Mas a nossa  
Infeliz condição?

ÓSMIA

É toda uma,  
Se de morrer se trata.

ERÉCIA

Mas a honra  
Das mulheres, repara, é tanto o alvo  
Do nefasto rancor do inimigo,  
Como costuma ser, ou inda mais,  
A vida dos varões. A sangue frio  
Os matam desarmados: A nós poupam-nos  
No ardor do combate.<sup>28</sup> Inexoráveis  
São a nossos maridos: A nós amam-nos.<sup>29</sup>  
Mortos os querem ver, vivas a nós.  
Vê tu a diferença de inimigos,  
Que fomos as mulheres? E se dizes  
Que não valem menos do que os homens,  
Não nos preservaram, por não temer-nos:  
Não só nos não darão punhais, mas sim  
Nos despojarão deles. Que partido  
Tem na casa, no campo, no arraial  
Uma fraca mulher entre Romanos;  
Já vencida, já escrava? Entre esses homens  
Ardilosos, astutos e sagazes  
Como todos os demais, para enganar-nos:  
C'o poder de inimigos, c'o domínio  
De senhores? Eu tremo, e nestas lúgubres  
Imaginações vagas, passo noites  
Em sonhos tão prezados, que mim vezes

---

<sup>28</sup> *Assusta-se Ósmia.*

<sup>29</sup> *Assusta-se.*

Acordo num instante: uma irada  
E outras abatida: Já lutando  
C'um bárbaro, com outro. Já em lágrimas  
Chorando violadas as matronas,  
Que infelices lamentam; qual o estupro  
E qual o adultério. E <sup>30</sup> morta! quando  
Tu, ó casta vergonha!, (Quanto engana  
A Vaga fantasia) me parece,  
Que pões já sem rubor uns criminosos  
E impúdicos olhos no tirano,  
Que com lânguido rosto a teus pés vês  
Em lágrimas banhado, derribando  
Com suspiros, soluços e delíquios  
E com tremendos votos, a quem em vão  
Está chamando os Deuses, e em que crês,  
Como neles aquela fortaleza  
Inexpugnável...

ÓSMIA

Deuses!<sup>31</sup>

ERÉCIA

Sim, a honra.

ÓSMIA

Suspende, mulher santa: os Céus te enviam.  
Ouviste-me, Diana!<sup>32</sup> A realidade  
Desse sonho me faz os claros dias  
Mais medonhos que a ti as negras noites.  
As ternuras, afagos, as carícias,  
Religião, virtude, sangue, a vida,  
Que expôs este Romano, por salvar-ma  
Das mãos de seus tiranos, dos seus mesmos:  
E a sombra de Vénus que lhe encobre  
A pérfida intenção, contaminaram  
Toda a minha virtude: Ele afugenta  
Com seu gentil semblante aquele horror  
Da geração do Lácio, que distingue  
As almas lusitanas. Desvanece  
A feminil vaidade, oferecendo-me  
Aquela heróica mão que tanto zelam  
As mulheres romanas. O temor

---

<sup>30</sup> Com aflição e levanta a voz só naquela palavra; e mais, como parecendo-lhe que vê o fantasma que pinta, em voz baixa e assustada.

<sup>31</sup> Sufocada.

<sup>32</sup> Para o Céu.

Da Divindade faz que não receie  
Insultos minha honra. Castos, puros  
Seus costumes, parecem menos de homem,  
Que de intacta donzela. Generoso,  
Afável, compassivo... um coração.

ERÉCIA

Desgraçada matrona, como o pintas:  
Nenhum homem o tem: O teu sensível  
As imagens formou, que amor avulta.  
Roubam os corações finos agrados.  
Os benefícios prendem, prendem almas;  
Mas se os reconheces, estremece,  
OU casada, ou inupta.

ÓSMIA

O esposo é morto;  
Mas antes de o chorar triste despojo  
Dessa negra traição do fero Galba,  
(Este é o meu delito) as ternas lágrimas  
Do Romano, por fim, (eu gelo, eu tremo)  
Do coração sensível me arrancaram  
As palavras fatais... *eu te amo, Lívio.*<sup>33</sup>  
Mas Diana, tocada dos remorsos,  
Que desde logo a Pátria e o pundonor  
Exercitaram nesta alma lusitana,  
Para vingar em mim, e ainda nele  
Aquele erro da língua...

ERÉCIA

Em vão, matrona,  
Sem fugires, intentas resistir  
Às tuas mesmas armas: tu lhas deste,  
Ficaste sem defesa: ele te rende.

ÓSMIA

Honra que não cedeu à paixão viva  
Do carinhoso amante por quem eu  
Estremecia que as Leis Paternas  
(Leis santas e cruéis) daqueles braços  
Me arrancaram: não teme, não receia  
Perecer nos de um bárbaro.

ERÉCIA

---

<sup>33</sup> *Estremece Erécia.*

E terias  
Valor para enterrar-lhe este punhal  
No coração?

ÓSMIA

Ó Céus!

ERÉCIA

Perdes a cor?  
Pois esta, que afrontaste de cobarde,  
Pusilânime tímida o esconde,  
Para sem piedade o atravessar  
No primeiro Romano que se arrisque,  
Cortês ou temerário. Não distingue  
A honra diferença de combates.  
O valor e a traição do mesmo modo  
Vingarei, e depois, no fraco peito  
Entrarás<sup>34</sup> inda quente, ensanguentado.

ÓSMIA

Mandarás ao Inferno satisfeita  
A tua alma inocente que banhada  
Nesse sangue romano, gozará  
Em eterno descanso a suavidade  
Das imortais delícias da vingança?  
Que inveja me não causas!

ERÉCIA

Mandarei,<sup>35</sup>  
Mas fosse inspiração, fosse piedade:<sup>36</sup>  
Da minha companhia um só instante  
Te não separarás: talvez que ensaie  
No peito desse bárbaro,<sup>37</sup> primeiro  
Os golpes que preparo contra a fúria  
Destoutro que não vi, e me retratam  
Todo pelo contrário.<sup>38</sup>

ÓSMIA

---

<sup>34</sup> *Aponta-o.*

<sup>35</sup> *Com ênfase.*

<sup>36</sup> *Natural.*

<sup>37</sup> *Assusta-se.*

<sup>38</sup> *Guarda o punhal.*



Eu to agradeço:  
Porque em vão o insulto e me revisto  
De aspereza, de horror, de crueldade:  
O desprezo, injurio, afronto e trato  
Como o mais vil escravo.

ERÉCIA

Como é justo.  
Se não, dize, porquê? porque não troca?  
Pela dádiva só da liberdade  
Tanta acção generosa? ou não cora  
Todas as mais com ela? Prometeu-ta,  
Se quer por enganar-te.

ÓSMIA

Resoluto  
Jurou de enquanto vivo nunca dar-me.

ERÉCIA

Foge.<sup>39</sup>

ÓSMIA

Espera.

ERÉCIA

Deténs-te?

ÓSMIA

É meu senhor.

ERÉCIA

Cortês, sobre sensível.

ÓSMIA

Ah!, Minuro.<sup>40</sup>

CENA IV

---

<sup>39</sup> *Querendo pegar-lhe no braço para encaminhá-la à sua tenda.*

<sup>40</sup> *Alto.*

MINURO *e ditos*

ÓSMIA

Em chegando...

ERÉCIA

Que passe à minha tenda <sup>41</sup>  
Se vier o Romano.

ÓSMIA

Chama-me... Ouves?  
Não te apartes daqui.

ERÉCIA

Ah, desgraçada!  
Inesperta matrona, eu me condoo. <sup>42</sup>

CENA V

LÍVIO *e* MINURO  
MINURO *encaminhando-se a chamar* ÓSMIA

LÍVIO

Onde vais?

MINURO

Chamar Ósmia... agora mesmo...  
Neste instante..

LÍVIO

Detém-te.

MINURO

Com Erécia...

Inda não chegará...

LÍVIO

---

<sup>41</sup> *Pegando-lhe pelo braço.*

<sup>42</sup> *Entram.*

Suspende. Teve  
Algum alívio acaso?

MINURO

Esse que dá  
O mal comunicado: o desafogo,  
Esse alívio das lágrimas que em rios  
Saíam de seus olhos: reflectindo,  
A qual avisada em quantos bens  
Se chegam a perder co'a liberdade.  
Chorando já desastres, consequências  
Do triste cativo; inda escondidos  
Através da ignorância, véu que encobre  
Em vão os tristes Fados.

LÍVIO

Que inscrutáveis!  
Agudos e subtis para afligir-nos!  
Malogramos até o maior bem  
Da Providência, a mais afeiçoada  
Amiga dos mortais. Porém que teme?

MINURO

O que deve temer a minha casta  
No meio de inimigos.

LÍVIO

Mas Romanos.  
Mais segura estará neste arraial  
Que inda no Santuário das Vestais;  
Porém dize, Minuro, conhecias  
O marido da bela?...

MINURO

Desde o berço.

LÍVIO

Chamava-se?...

MINURO

Ragúcio! e respirava  
No dia em que perdi a liberdade.

LÍVIO

Alcançara-la agora se disseses  
Que expirara.

MINURO

Senhor.<sup>43</sup>

LÍVIO

Sim, dar-ta-ia.  
E fora mais feliz que tu. Ela ama-o?

MINURO

É virtuosa, e tanto, que ajustada  
Com outro Lusitano, a quem queria  
Como a Mãe a Cupido, pôde mais  
A vontade paterna, que se muda  
Pelo vil interesse, que os suspiros  
Do magoado amante, que o primeiro  
Fogo que arde no peito; Pôde tanto,  
Que a chama se extinguiu.

LÍVIO

Parece-o.

MINURO

Tanto...

LÍVIO

Sufocá-la é o mais até que pode  
Estender-se a virtude. Ah!, que ambos somos  
Desgraçados, Minuro! escravo tu,  
E eu sem esperanças, depois dela  
Protestar que me amava!

MINURO

Senhor...<sup>44</sup>

LÍVIO

---

<sup>43</sup> *Tímido.*

<sup>44</sup> *Tímido.*

Fala,

Examina por esses prisioneiros  
Se acabou no conflito em que o deixaste,  
Ou se inda o preservou meu triste fado.  
E em prémio terás dessa notícia  
A prometida, cara liberdade:  
Que te daria já, se não tiveras  
Mostrando-me uma tal parcialidade,  
Que não presumo inútil, nesta empresa  
Da conquista fatal.<sup>45</sup>

MINURO

Senhor...<sup>46</sup> É morto.

LÍVIO

É morto! Céus! Tu mentes.<sup>47</sup> Não te passo  
A cortadora espada.<sup>48</sup> Em reverência  
Da mesma liberdade,<sup>49</sup> ela desculpa  
As mais negras acções entre os Romanos.

MINURO

Não te minto, senhor.

LÍVIO

Nem a verdade  
Se crê dos mentirosos.

MINURO

Mas se juro...

LÍVIO

É perjuro o que mente.

MINURO

Vi, senhor,  
Já coberto de sangue e de feridas,

---

<sup>45</sup> *Partindo.*

<sup>46</sup> *Timido, e Lívio olha para ele, como que já reflecte, em que é a terceira vez que assim o apostrofou.*

<sup>47</sup> *Irado.*

<sup>48</sup> *Empunha-a e tira até o meio.*

<sup>49</sup> *Embainha.*

Estendido no campo...

LÍVIO

Mas porque  
Me mentiste? Ah, cruel, malogra...

MINURO

Vi

Que o respeito do estado, te continha,  
Assegurava Ósmia.

LÍVIO

E Ósmia sabe-o?

MINURO

Não... Senhor.<sup>50</sup>

LÍVIO

Nada creio.

MINURO

Receei,  
Entre tanta aflição... dobrar-lhe as mágoas  
Com tão fatal notícia.

LÍVIO

Que artifício!

MINURO

Sobre mim...

LÍVIO

Ah, perjuro! Se é verdade,  
Oculta-lha, até que eu te diga o modo  
De lha participares. Mas tu mentes?

MINURO

Pelos Deuses...

---

<sup>50</sup> *Confuso.*

LÍVIO

Nova alma, nova vida...  
Mas enganas-me! Não, não, não é Lívio  
Tão ditoso.

MINURO

Ósmia é tua.

LÍVIO

Que me dizes?

MINURO

Já ferida lamenta o passador  
Que o coração traspassa; a medo assopra  
A chama já crescida e mais a acende.  
Mal aplica o remédio, mal o deixa.  
Anima-se e estremece, pois já sente  
Que a chaga, que a consome, a vivifica.  
Insulta-te e suspira.

LÍVIO

Mais cruel  
A vi hoje que nunca.

MINURO

São os últimos  
Esforços da virtude.

LÍVIO

Qual virtude?

MINURO

Aquele ódio implacável...

LÍVIO

Também tu  
Te atreves, temerário!...

MINURO

Sou fiel:

A meu senhor a pinto como a vejo.  
Sou-te reconhecido.

LÍVIO

Sê também  
Amigo de Ósmia: faze-lhe gostar  
A Cândida verdade, santa e pura:  
Amargosa talvez, que não incrível  
Lha faz a prevenção, de ser ouvida  
Da boca de um Romano; ou seu mau fado.  
Ela será feliz: ditoso Lívio.  
OU me enganes, ou não; todo me entrego  
À tua fé, Minuro: a minha sorte  
Dependerá de ti, de ti somente.  
E à sombra da Pátria gozarás,  
Companheira da vida, a suspirada,  
A cara inestimável liberdade.<sup>51</sup>

MINURO

Quanto me custa já mais do que val!<sup>52</sup>

FIM DO ACTO PRIMEIRO

---

<sup>51</sup> *Parte.*

<sup>52</sup> *Parte.*



## ACTO SEGUNDO

### CENA I

MINURO, e depois ÓSMIA.  
MINURO *abrindo, ou levantando a porta*  
*para entrar na tenda de ERÉCIA.*  
Sai ÓSMIA

### ÓSMIA

Despoeira-se a Pátria. A bandos entram  
Nesse arraial os nossos. Que cobardes!  
Infâmia da Nação: a punhaladas  
Lhes tiraria as vidas que sustenta  
O vil abatimento. Por não vê-los  
Me retirei: tal cólera me exaltam.  
Uma gota de sangue não disfarça  
A vileza dos ânimos não honra  
As impudentes caras. Não conduzem  
Os mansos cordeirinhos seus pastores  
Com maior confiança, menos susto,  
Do que escoltam Romanos, legiões  
De Lusitanos. Fracos! a traição  
Do fementido Galba, que devera  
Incitar, ascender-lhes, sim, um cego,  
Um insano furor que os reduzisse  
A morrer ou vencer: a dar as vidas,  
Primeiro do que as mãos, inda a cortá-las,  
Por não ver-lhes cadeias: ao contrário,  
Parece que aterrou na Lusitânia  
Esse valor intrépido, constante,  
Em que os olhos fitava a outra Espanha,  
(De tantos mil exemplos animada)  
Por tornar a dever-nos, sublevando-se,  
A sua já perdida liberdade.  
Que graças te não dou, ó Providência!  
Por salvares com mortes gloriosas  
O generoso sangue que me anima.  
Os pais, irmãos, avós, o mesmo esposo  
Expiraram no campo sobre as armas.  
Acabou pela Pátria todo o sangue  
Preservado da infâmia, porque passa  
Esta última relíquia, indigna deles,  
Mas por culpa dos fados.<sup>53</sup> Comprimido  
Ferve e rebenta nas inchadas veias

---

<sup>53</sup> *Com espírito.*

Pela honra da Pátria.

## MINURO

Eu te buscava:  
Para que permitisses, por momentos,  
Separar-me daqui, a ver se encontro,  
Entre tantos, algum de meus parentes:  
Ou se posso, sequer, saber se vivem  
Minha triste mulher, meus velhos pais,  
Meus infelices filhos.

## ÓSMIA

Já não sinto  
Perder c'o triste esposo as esperanças  
De nutrir a meu seio um claro infante,  
As delícias da Pátria, um Lusitano,  
Que filho de Ósmia e Neto de Apimano,  
Com que agouros nascera a altiva Roma?  
De fazer-lhe gostar no doce leite  
Aquele ódio imortal, já derramado  
Por este mesmo sangue, porque vivem  
As ferinas entranhas que o geraram.  
De ensinar-lho a beber, a grandes tragos,  
Em mil fontes que abraja, insaciável  
Nos corações romanos, a Mãe crua.  
De referir-lhe o caso lamentável  
Do protervo Sulpício; e a longa série  
Das famosas acções, ilustres feitos  
Do grande Cesarão, Cantero e de outros  
Famosos Lusitanos, que deixaram  
Saudosas memórias. Retratar-lhe  
Com as suas feições, seus mesmos gestos  
Lisonjeira e severa, o porte altivo,  
O semblante guerreiro, as forças brutas  
Do generoso avô, para infundir-lhe  
A nobre emulação de inda excedê-lo  
Nas virtudes, no espírito: contente <sup>54</sup>  
De lhe ver imitar, por toda a glória,  
O rancor ao Senado, o amor à Pátria.  
Degenerara o sangue de Apimano. <sup>55</sup>  
O desvelo da minha educação  
Falharia talvez, quando desmaia  
O valor lusitano, à vista (Ó Deuses)  
Dessa negra traição; da mortandade  
Que em nós fez o pretor. E não excita

---

<sup>54</sup> *Moderada.*

<sup>55</sup> *Muda de tom e diz este verso apressadamente.*

A cólera, a vingança, a humanidade,  
Uma acção que movera, não os fracos,  
Mas inda os insensíveis: Não lhes doe  
Esse sangue inocente que inda corre,  
O separados membros que inda vivem;  
O coração que pula inda no peito  
Desanimado já? que não devera  
Recear dos ouvidos? que esperara  
Da força das palavras e dos exemplos,  
Para excitar paixões, mover os ânimos,  
Estimular o brio? quando os olhos  
São débil incentivo, tardos órgãos!  
Morreu a liberdade. Vai, Minuro,  
Vai ouvir pela boca de uns indignos  
Filhos da Lusitânia esses clamores  
Da agonizante Mãe, a que eles surdos  
Deram costas: sim, vai, vai aprender  
A desonrar a Pátria: principia  
A temer os Romanos.

#### MINURO

Não malogres  
O teu feliz destino. Não, não tentes  
Os benefícios dos Deuses, que reduzem  
À tua liberdade os teus cuidados.  
O carácter de Lívio que esperanças  
Te não dá de sair em continente  
De todos eles: louva, louva esse astro  
Em que nasceste.

#### ÓSMIA

E a Pátria?

#### MINURO

Jornaleiras

São as armas: confia, não te abara  
Ver tanto prisioneiro, talvez sejam  
Inda dos que ficaram desarmados  
Naquele fatal dia: Deixa as mágoas  
A Minuro, que chora, ao mesmo tempo  
Uma errante mulher, três gentis filhas,  
Dous inespertos moços: se me esqueço  
Do pejo das donzelas, é c'o susto  
Que me dão os mancebos: se cobardes,  
Se fracos, se traidores mancharão  
A honra lusitana. se me lembro

Das inocentes moças! a violência,  
A fraqueza, os enganos; com que cores  
Me não pintam a afronta? O desamparo,  
A penúria talvez; talvez a fome  
Da Mãe desconsolada, ferem a alma.

ÓSMIA

A liberdade, a Pátria.

MINURO

Quando toque  
O seu infeliz termo, a Lusitânia...

ÓSMIA

O seu infeliz termo? Já supões...

MINURO

Sagunto pereceu, caiu Cartago  
E cairá Numância.

ÓSMIA

Inda verei  
Um dia mais fatal!...

MINURO

Não, mais felices  
Serão os teus.

ÓSMIA

Os meus!<sup>56</sup>

MINURO

Sim, a amizade,  
A paz com os Romanos,<sup>57</sup> do teu leito  
Fará Lívio mais digno que Ragúcio.

ÓSMIA

Que me dizes, Minuro!<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> *Espantada.*

<sup>57</sup> *Observa-o Ósmia.*

MINURO

Quanto mais,  
Que aquela sujeição te obrigaria  
Este amor, este excesso, o sangue, a vida  
Que respiras?

ÓSMIA

Minuro... Vai-te... Infame...<sup>59</sup>  
Não és acaso o mesmo que notaste  
Há tão poucos momentos esse agrado  
Com que reconhecido, ou vaidosa  
Contemplava o Romano? Que presumes  
NO coração sincero, pelo modo  
Carinhoso e afável, quase acesa  
A chama detestável, chama indigna  
De uma alma lusitana? Como agora  
Pretendes atear-la? Foge, escravo.

MINURO

Noutra situação, em diferentes  
Circunstâncias figuro...

ÓSMIA

Que perfídia!

MINURO

Inocente me insultas.

ÓSMIA

Desgraçado!  
Que interesse te arrasta? Um vil Romano  
O leito mancharia de Ragúcio?  
Não mancharia, não, crê-me, traidor.  
Fora ele as delícias do Universo,  
Meu marido o horror da Lusitânia!  
Foge de mim, infame, foge e treme  
De ver-me sem cadeias. Quem me vende,  
Que não fará! Ó Céus! eu vos protesto,  
Se torno a resgatar a liberdade,  
De preservar a Pátria, de um traidor

---

<sup>58</sup> *Pasmada.*

<sup>59</sup> *Sobressaltada e a cada uma das três palavras vai reforçando a voz.*

Amigo dos Romanos: Que te falta?  
Só arte, ocasião para entregá-la.

MINURO

Injustamente ofendes...

ÓSMIA

Vai-te.<sup>60</sup> Ó Deuses!

Casta Diana...

CENA II

ERÉCIA e ÓSMIA

ERÉCIA

Amiga! Prisioneiro  
Entrou no campo, e deixo no aposento  
Um triste irmão: o medo que me infunde  
O soberbo carácter com que pintam  
Esse altivo Romano, a quem por forte  
Me deu minha desgraça, me conduz  
A rogar-te, senhora, que permitas  
Demorar-se comigo na tua tenda,  
Pelos poucos momentos que bastarem  
A findar a pesada narração  
Das fatais consequências que tiveram  
Os enganos de Galba.<sup>61</sup>

ÓSMIA

Isso é possível!

Eu posso permiti-lo?

ERÉCIA

A estimação...

A atenção e respeito com que Lívio...

ÓSMIA

O amor, o ciúme, o zelo tem  
Maiores consequências do que os vagos  
Melindres, que sonhou a vaidade,

---

<sup>60</sup> *Parte Minuro.*

<sup>61</sup> *Fica Ósmia suspensa.*

Que tão sábios desprezam os Romanos.

ERÉCIA

Alterar não quisera o teu sossego,  
Suposto que seria um forte escudo  
Esta não esperada companhia,  
No perigoso risco, em que pondero  
A tua honestidade, a tua honra.

ÓSMIA

Consideras-me infame?

ERÉCIA

Não; mas vejo  
No teu semblante uma alma...

ÓSMIA

Uma alma cheia

De reconhecimento e de bondade.  
Sensível a razão, agradecida  
Aos benefícios, sim: Se a grosseria  
Ou a brutalidade, a ingratidão  
Só salvara a modéstia, foram castas  
Só as feras selvagens: Nos humanos,  
A virtude, a razão, tem mais poder  
Para salvar a honra, do que tem  
O susto de perdê-la. Enquanto escutas  
A fatal relação, sou atalaia,  
Deterei o Romano. Quanto sinto  
Não nutrir o rancor com que os detesto,  
Ouvindo alguma parte dos insultos  
Que movem contra a Pátria. Mas discreta,  
Ao mais leve sinal, esconde, salva  
O arriscado irmão.<sup>62</sup>

CENA III

ERÉCIA *e depois* TÂNTALO.  
*Chega à comunicação para a sua tenda e chama.*

ERÉCIA

Tântalo? Irmão?

---

<sup>62</sup> *Parte.*

## TÃANTALO

Escapámos, Erécia, como digo,  
Com mui poucos da plebe, àquela negra,  
Original traição, que os Céus e os Deuses  
Hão-de justos punir e a mesma Roma.  
Pois nem de humanos é, e muito menos  
De sábio general e de político  
Conquistador chamar-nos: prometer  
(Com a voz do Senado e a fé de Roma),  
Prometer, não somente assinar  
Vantajosos tratados, a que o mesmo  
Execrando pretor assinalara  
Todas as condições, mas de aumentar  
Com mais povoações, com férteis campos  
Tão estreitos domínios, à medida,  
À proporção dos grandes corações  
Da gente lusitana, da amizade,  
Daquela distinção com que a República  
Seu valor respeitava; e de improvizo  
Caírem sobre nós (sem mais defesa  
Do que a falsa palavra) tantas forças  
(Tal era o seu temor), quantas tem Roma  
Divididas por ambas as Espanhas.  
E com que piedade! Um só, Erécia,  
Uma só testemunha não deixaram  
Que transmitir pudesse fielmente  
Nem à posteridade, nem levar  
À presença do ínclito Senado,  
A perfídia de Galba: (tanto o indigno  
Conhecia a maldade) Se um dos nossos,  
Dos últimos da Plebe, um Viriato,  
Um Caçador traçando o seu cajado,  
Não abrisse por entre as legiões  
Dos feros inimigos (espantados  
Ou já do atrevimento, ou comovidos  
Por tal heroicidade) largo passo,  
Com que nos pôs em salvo. Reunidos,  
Nos conduziu, dous dias já passados,  
Ao desgraçado campo: que espectáculo!  
A mortandade não, não nos assombra.  
Maior campo juncámos de Romanos  
Por infindas vezes; e dos nossos,  
Mais terra viu coberta, em mil combates  
Inteiro o coração, enxuto o rosto.  
Mas que lástimas, Céus!, que crueldades!  
Ali vimos no seio das matronas<sup>63</sup>  
Traspassados os míseros filhinhos

---

<sup>63</sup> *Patética e ternissimamente, e se chorar será melhor.*



Que as mães inda a seus peitos apertavam.  
Ali na flor da idade, as inocentes,  
Vergonhosas donzelas horrorizam:  
Mutilados os rostos e cobertos  
De coalhado sangue. Nem o pejo  
Lhes consente pôr olhos. Reconhece  
Qual o pai venerando e a mão lhe banha  
Com terníssimas lágrimas; qual chora  
A carinhosa mãe defunta; e qual  
O seu único filho inconsolável;  
O malogrado infante inda escondido  
Nas míseras entranhas em que morre:  
Doce consolação, vã esperança  
Dos suspirados netos.

#### ERÉCIA

Céus, que lastimas?

#### TÂNTALO

Abraçado c'o pálido cadáver  
Da prudente mulher, casta e formosa,  
Quer morrer, e delira, outro sabe  
Esse bem que perdera, e não repara.  
Os parentes, irmãos, fiéis amigos:  
Inda os diferentes ali são  
Lastimosos objectos.<sup>64</sup> Mas correram  
Mais lágrimas de gosto, quando vimos  
Cravados, sim, na face dos tiranos  
Inda os raivosos dentes, que lançaram  
(Por fábula o tivera, se o não visse)  
Com armas na mão, lá no Cocito  
Infinitos Romanos.<sup>65</sup> Sobre quantos  
Jaziam inda os nossos! Parecia  
Que c'os nervosos, já defuntos braços,  
Apertando a garganta, lhes faziam  
Saltar os olhos, despegar as línguas.<sup>66</sup>  
Não pode acreditar quem se não viu  
No mísero destroço; os novos, raros,  
Os estranhos affectos, a quem movem  
Amor e piedade nos estragos,  
A que nenhum mortal foi costumado.  
Já corruptos, eu vi! meios comidos<sup>67</sup>  
Das feras, dos abutres; unir uns

---

<sup>64</sup> *Com alvoroço.*

<sup>65</sup> *Reforço de voz e entusiasmo.*

<sup>66</sup> *Natural.*

<sup>67</sup> *Com intimativa e admiração.*

Os membros separados, por achar  
Os cadáveres desses que lhes foram  
Na vida caros: outros religiosos  
As virgens sepultavam, mais feridos  
Do pudor que da lástima. Eu, Erécia,  
Se disser que movi todos os corpos  
Que encontrei do teu sexo...

#### ERÉCIA

Por me achares,  
Por me reconheceres?

#### TÂNTALO

Não, perdoa..  
Desculpa-me antepor à natureza  
Fantasias de amor, humana lembrança  
Indigna da modéstia, e da virtude  
Dessa minha adorada, infeliz Ósmia.  
Sucederam à lástima os furores.<sup>68</sup>  
Rebentaram as lágrimas nos olhos  
Do segundo Apimano... *Tendes visto?*  
(Exclama Viriato, e a voz de ferro  
Os cabelos levanta, e em movimento  
Põe o gelado sangue) *Tendes visito?*  
*A proeza, a façanha dos soberbos*  
*Vassalos do Senado, que se diz*  
*Conquistador do Mundo? Que se faz*  
*Arbitrio, vencedor já do Universo?*  
*Mulheres e crianças degoladas.*<sup>69</sup>  
*E nós o sofremos? Lusitanos?*  
*A glória nos convida; clama o sangue;*  
*Pede vingança a Pátria. O vosso nome*  
*Se fará imortal, nos mesmos fastos*  
*Do soberbo inimigo. Sim, vinguem*  
*Tantas Nações dos bárbaros, que fez*  
*Célebre a fraqueza dos contrários,*  
*Seus negros atentados; não valor,*  
*Não virtude. Poder, Justiça, os Deuses,*  
*Tudo, tudo é por nós. Sim, confirmemos*  
*Aquele ódio mortal, que tantas vezes*  
*Jurámos contra Roma. Contra Roma*  
*Conjuremos a terra.*<sup>70</sup> E pondo a mão  
Nas medonhas feridas de uma dessas  
Infelizes donzelas, e invocando<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> Arrogante.

<sup>69</sup> Muda de tom.

<sup>70</sup> Natural.

Todo o Inferno, jura, juram todos,  
De não largar as Armas, sem primeiro  
Vingarem suas mortes. Separados<sup>72</sup>  
Do funesto lugar, e divididos,  
Cada um se encaminha à Lusitânia  
Para fazer tomar, sem excepção,  
As armas contra Roma, a quantos povos  
Entre nós habitarem: Neste trânsito,  
Tão desgraçadamente fui cair  
Não mão dos inimigos, que me achei  
Prisioneiro. Mais que o meu destino,  
Lamentara a desgraça de te ver  
No romano arraial; se nos não fora  
Tão natural esse ódio, esse rancor,  
Que suprira a virtude, se saltara  
Nas notáveis matronas lusitanas.

#### ERÉCIA

A um só não falei, mui poucos vi,  
E nenhum tem entrado no aposento.  
Confio do poder que esta cativa  
Tem sobre seu senhor, facilitar-te  
O fazeres-me nele companhia,  
Logo que justifiques o apertado  
Parentesco: por ela, na verdade,  
Inda o desejo mais; um coração,  
Uma alma lusitana, e heroína  
Anima o gentil rosto que a distingue  
Pelo claro epíteto de formosa...  
Que obrigou no conflito o namorado  
Senhor a derramar, por arrancá-la  
Da mão dos assassinos o seu sangue,  
O dos mesmos Romanos, que a nenhum,  
Como já referiste, perdoavam.  
Desgraçada beleza!<sup>73</sup> O bem da vida,  
Lisonjeiros affectos nos seus olhos  
O pintam a delícia dos mortais:  
A fizeram sensível: temo-a, temo-a:  
Vaidosa o celebra, estima, gaba,  
Ela é o senhor e ele a escrava.

#### TÂNTALO

Detesta esse tremendo, fatal vício  
Do teu sexo invejoso: Não ofende

---

<sup>71</sup> *Reforça.*

<sup>72</sup> *Natural.*

<sup>73</sup> *Com paixão excessiva e affectadíssima.*

Uma austera virtude o génio afável  
Que a natureza pôs entre os ornatos  
Do feminil espírito. O louvor,  
O agradecimento, ainda mesmo  
A parcialidade não assombra  
A virginal modéstia. Quem no mundo  
Mais sensível do que Ósmia, quem mais casta.  
Deixou de resistir-me obediente:  
Deixou nunca de ver-me carinhosa?

ERÉCIA

Tem mui poucas o mundo.

TÂNTALO

A Lusitânia...

ERÉCIA

Retira-te, pois temo a intempestiva  
Chegada de qualquer destes Romanos.  
Incomodo a cativa; ela fará  
Que amanheça talvez mais claro o dia.  
Com teus olhos verás... Mas que rumor...<sup>74</sup>  
Detém-te.

TÂNTALO

Aqui?

ERÉCIA

Aqui, não te confundas.<sup>75</sup>

CENA IV

ÓSMIA e depois TÂNTALO

ÓSMIA

Este é Tântalo, Céus!<sup>76</sup>

TÂNTALO

Ósmia?<sup>77</sup> Que sinto?

---

<sup>74</sup> Chega à porta que vai para a sua barraca.

<sup>75</sup> Conduz Tântalo para a tal passagem e deixa cair o coiro.

<sup>76</sup> Pasmada.

Que convulso tremor... mal firmo o passo...  
Sufoca na garganta... um suor frio...  
Que gélido terror... turva-se a vista...  
Vacilante...<sup>78</sup> Infiel... dos pés me foge...  
Ou és sombra funesta.

ÓSMIA

Deuses! Tântalo?  
Aquela Ósmia sou...

TÂNTALO

Não és aquela.  
Nos braços de um Romano?<sup>79</sup>

ÓSMIA

Tu deliras:  
  
A última serei das Lusitanas?  
Acabas de dizer...

TÂNTALO

Cego de amor,  
Fui fácil de enganar, fácil de crer.

ÓSMIA

Estás num arraial...<sup>80</sup>

TÂNTALO

Pérfida? Sai.  
Vem cobarde Romano, vem...

ÓSMIA

Sossega.

TÂNTALO

Endireita a espada, empunha a lança;

---

<sup>77</sup> *Vertiginoso e encaminhando-se para algum assento; Ósmia querendo chegar-se a acudir-lhe e este não querendo, repulsando-a.*

<sup>78</sup> *Chegando-se a ele.*

<sup>79</sup> *Levanta-se e torna a cair na cadeira.*

<sup>80</sup> *Levanta-se, como furioso, olhando para uma e outra parte.*

Toma o traidor punhal; o meu ciúme  
Bastara a desamar-te.

ÓSMIA

Louco Tântalo.

TÂNTALO

Ah, se exangue te achara, já cadáver  
Te seguira contente, e lá no Inferno  
Te adorara inculpável. Porque vives?

ÓSMIA

Porque querem mostrar-me os tristes fados  
Os indignos efeitos dos amores  
Mais heróicos, mais castos. Porque passe  
Pelo infame desprezo com que Tântalo,  
(Íntima testemunha, íntima e única  
Da minha honestidade) a ofende, a trata.  
Nos braços de um Romano? Quando ao ódio,  
Que já nasceu comigo, tantas causas  
Aumentaram nas bárbaras acções,  
Traidores e tiranos contra a Pátria:  
Então é que me julgam parcial?  
Então hei-de atendê-los? Hei-de amá-los?  
Quando enxutos não tenho os tristes olhos  
De chorar na execranda mortandade,  
Meu defunto marido...

TÂNTALO

Ah!, que este bárbaro  
Lhe tiraria a vida por lograr-te.  
Foi por isso indulgente com a tua.  
São tiranos até na piedade.  
Traz Toma desde o berço esse atentado  
Que os esposos sabinos mal vingaram.

ÓSMIA

A tua fantasia, o teu ciúme...

TÂNTALO

Antes tua paixão... tua torpeza...

ÓSMIA

Eu te deixo...<sup>81</sup>

TÂNTALO

Tu negá-lo? Fugamos.<sup>82</sup>  
Ó alma fementida! Tu vacilas?  
Já o terror dos nossos tão seguros  
E confiados têm neste arraial  
Esses Romanos, que nem fogos,  
Nem guardas o defendem. Por mil partes  
Do socorro da noite acompanhados  
Podemos sair.

ÓSMIA

Sair com Tântalo?

TÂNTALO

Não me conheces, Ósmia? Tu receias  
Que Tântalo...

ÓSMIA

Se Tântalo se atreve,  
(Tântalo que a conhece) a infamar Ósmia:  
Que não diria o mundo se me visse  
De ti acompanhada? Sendo pública  
Tão famosa a paixão que nos unia.

TÂNTALO

A minha mão de esposo...<sup>83</sup>

ÓSMIA

Honrados ossos<sup>84</sup>  
Do defunto Ragúcio, eu vos respeito:  
Não temais esta afronta vergonhosa,  
Este aborto da fé, ou da vingança  
Do sexo leve e fraco; nem a falta  
Daquele amor que cega o nó sagrado.  
Em paz descansareis; o santo nome  
De marido vos basta.<sup>85</sup> Quem deixara,

---

<sup>81</sup> *Em ar de partir.*

<sup>82</sup> *Quer pegar-lhe na mão e ela se retira.*

<sup>83</sup> *Estende-a e ela se retira.*

<sup>84</sup> *Apóstrofe.*

<sup>85</sup> *Natural a Tântalo.*

De tão intempestivo ajuntamento,  
De tirar as infames consequências  
Que ultrajam a memória do consorte,  
C'o mais atroz delito das esposas?  
De um modo as heroínas, de outro as fracas  
Entenderam a honra: Eu sei aquele,  
Porque a minha fê salva.

#### TÂNTALO

Talvez sendo  
A primeira que dê um vil exemplo.  
A primeira matrona lusitana  
Que sinte no regaço e não afogue  
O filho de um Romano.

#### ÓSMIA

Ah, vil, infame!<sup>86</sup>  
Inda tenho valor para arrancar-te  
A petulante língua. Não malogres  
Toda aquela indulgência que disfarça  
Um zeloso furor. Sim, clamarei:  
Chamarei os Romanos, que são menos  
Insolentes que tu e menos bárbaros.

#### CENA V

ERÉCIA, FÁBIO *e ditos*

#### ERÉCIA

Já o guarda te espera.

#### FÁBIO

Vai, que eu parto.<sup>87</sup>  
Gentil Ósmia.<sup>88</sup>

#### ÓSMIA

Senhor.<sup>89</sup>

#### FÁBIO

---

<sup>86</sup> Chora, se puder, e dá passos para ele.

<sup>87</sup> Sai Tântalo por onde entrou e por onde saiu Erécia.

<sup>88</sup> Sobressalta-se Erécia.

<sup>89</sup> Inteira.



Enxuga as lágrimas,  
Modera o sentimento, tão ferozes  
Não são, não os Romanos. Sei que Lívio  
Te contempla, te estima e te respeita.<sup>90</sup>  
Eu te facilitei a companhia  
Tão amável de Erécia; e terás tudo  
Quanto queiras de nós.<sup>91</sup> Tu não vês como  
O arraial te trata? Corre todo  
A ver e a admirar a tua beleza.  
Todos falam de ti, todos te adoram,  
Todos por ti suspiram; mas nenhum  
Se te atreve. Desterra as impressões  
Que te fazem, talvez, as feias cores  
Com que os teus Lusitanos nos retratam,  
Muito mais horrorosos do que somos.  
Vingada ficarás e a tua Pátria  
Desse sangue vilmente derramado.  
Roma tem um Catão...<sup>92</sup>

ÓSMIA

E muitos Galbas.

FÁBIO

Que castigue a perfídia, inda que foram  
Muitos mais do que julgas.

ÓSMIA

As paixões

Governam o Senado.

FÁBIO

Uma traição  
Que seu nome infamou, mais do que ultraja  
O Povo Lusitano! No seu mesmo  
Arraial se detesta.

ÓSMIA

Mas em Roma  
A falsa eloquência desse bárbaro  
E os pingues despojos de um indigno,

---

<sup>90</sup> *Chora Ósmia.*

<sup>91</sup> *Enxuga as lágrimas Ósmia.*

<sup>92</sup> *Reforça a voz.*

Sobre traidor, avaro, lha desculpam,  
Lha farão aprovar. Maior partido  
Terá sempre a ambição, do que a virtude.  
E por não magoar-te, virtuoso,  
Político Romano; não aponto  
Semelhantes, mil factos da República,  
Porque podem mulheres, como os sábios,  
Firmar as contingências do futuro,  
Com a certa lembrança do passado.  
O tempo to dirá! Conheço Roma.

FÁBIO

Porém o censor não. A probidade...

ÓSMIA

A probidade acusa e não resolve.  
Com menos interesse nos deixámos  
Enganar do pretor, do que acha o cônsul  
No nosso abatimento. O bom do Estado  
(Por um vício intestino do Governo)  
Seus chefes interessa, muito menos  
Que as aparentes glórias que decoram  
Aqueles momentâneos consulados.  
O número dos mortos é o artigo  
Notável nos seus fastos. Sobre Roma,  
E não sobre eles, caem as consequências.  
Assim como o avaro, que desfruta  
O estrangeiro prédio, só levado  
De infame cobiça, as varas todas  
Aproveita da cepa, por tirar-lhe  
Toda, toda a substância em seu proveito,  
Caduque, ou não caduque. Assim, senhor!  
Os incivis cultores da República,  
Esses ramos viçosos não decepam,  
Que lhe aumentam os frutos no seu ano,  
Inda que a Pátria acabe no seguinte.  
Quando vir as Espanhas sublevadas,  
Rirá talvez o cônsul, que não quis  
Evitar-lhe com glória essas ruínas.

FÁBIO

Há-de satisfazer a Lusitânia.  
E desengana-te, Ósmia, que o seu fim  
Não é sacrificá-la; é sim fazê-la  
Amiga dos Romanos. Quem melhor  
Lhe pode autenticar esta verdade,  
Que os mesmos prisioneiros: que sinceros

Lhe refiram, lhe contem, lhe ponderem  
Os costumes, o trato, quanto perde  
Na amizade de Roma? Este desejo  
Até faz demorá-los, por querermos  
Que tenham por costume, e não por arte,  
Aquele humanidade, essa virtude,  
(De que és especiosa testemunha)  
Que já, sem vaidade, nos distingue  
Dos mais povos da terra.<sup>93</sup> Se inda vives  
Entre nós, como vives? Nós queremos  
Distinguir teu valor e premiar  
O teu merecimento.<sup>94</sup> Pouco crédito  
Daríamos de nós e de tu mesma,  
Regulando-os somente por um dom,  
(Se bem que inestimável) que não mostra  
Nem a tua virtude, nem a nossa.

ÓSMIA

Generoso Romano: olha que sei<sup>95</sup>  
O caminho da glória. E se não queres  
Expor-te a uma afronta indigna, a ver  
O teu dom abatido, recusado  
Por uma vil escrava, faze-o digno  
Do meu desinteresse. Só dous há  
Que da mão dos Romanos... sim, lograssem  
A honra de aceitá-los.

FÁBIO

Só dous?

ÓSMIA

Só.

O coração de Galba, ou quanto sangue  
Há em todos os mais desses tiranos.

FÁBIO

Ou já seja constância, ou fantasia.  
Essa resposta é digna das matronas...

ÓSMIA

Dize que é sentimento de Romana:<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> *Ouve Ósmia com desprezo modesto.*

<sup>94</sup> *Sorri-se desdenhosa.*

<sup>95</sup> *Com bazófia.*

Tremerão de imitar-me!

FÁBIO

És heroína,  
Mas Lívio te respeita, adora e estima.<sup>97</sup>

CENA VI

ERÉCIA e ÓSMIA

ERÉCIA

És Ósmia? Aquela?...<sup>98</sup>

ÓSMIA

Sim, aquela sou,<sup>99</sup>  
Que em ódio de Vénus vim ao mundo.  
Essa Deusa cruel: Ela e o Filho,  
Contra minha virtude conjurados,  
Achando-me sensível, me tratarão!  
Como se em seus altares nunca vissem  
Meus ternos holocaustos. Se tivesse  
O coração de Hipólito ou de Dafne.  
Entre tantos horrores: crua guerra,  
A Pátria desolada, escravidão,  
Mortandade, traições. Amor, amor,  
Amor só me confunde, só me assalta,  
Precipita, desonra, e já me faz  
Duvidar se triunfo, ou se me rendo.

ERÉCIA

Suposto lamentei ver-te esquecida  
Desses tímidos, castos pensamentos,  
Separando-te, como que fugias  
Da defesa da minha companhia.  
Teus discretos reparos, a inteireza  
Da virtude com que ouves, com que acabas  
De insultar o Romano, interessado  
Pela paixão de Lívio, desfaziam  
Toda a minha suspeita. Porém, Ósmia?...

---

<sup>96</sup> *Desdenhosa.*

<sup>97</sup> *Parte pela outra porta.*

<sup>98</sup> *Abraça-a.*

<sup>99</sup> *Aflita.*

Que desculpa não tens?

ÓSMIA

Que dizes?<sup>100</sup>

ERÉCIA

Sim.

Que serão os agrados de um Romano <sup>101</sup>  
Gentil e namorado? Se as palavras  
Indiferentes desse, que não mata  
De gentileza e passa por severo,  
Puderam cativar-me, mais que as práticas  
Carinhosas e lânguidas dos nossos  
Amáveis Lusitanos.

ÓSMIA

Vai-te Erécia,  
De meus olhos te aparta. Um traidor vejo  
Em cada Lusitano! Justos Deuses! <sup>102</sup>  
De quem me fiarei, se eles me enganam?  
Não te bastou, mulher! Apenas vês  
Tântalo no arraial, o revelares-lhe  
Uma fraqueza, que eu afogaria  
No próprio sangue, e tu, por honra e crédito  
Do nosso mesmo sexo, deverias  
Levar religiosa à sepultura.  
Mas dele subornada, pretenderes  
Sondar traidoramente os mais recônditos  
Arcanos da minha alma? Se o seu zelo  
Bastou a insultar-me, que fizera  
Munido com tais armas?

ERÉCIA

Sem razão  
Me criminas: atende; eu não vi Tântalo,  
Não, depois que por Ósmia te conheço; <sup>103</sup>~  
Nem ele imaginava que eras tu,  
Essa de que falei. Se nos ouviste,  
Estás fora de ti. Tão de mulher  
Não era a reflexão. As circunstâncias  
A faziam do caso e muito própria

---

<sup>100</sup> *Espantada.*

<sup>101</sup> *Ósmia pasmada e confusa.*

<sup>102</sup> *Erécia pasmada.*

<sup>103</sup> *Ósmia como que reflecte.*

Do teu susto primeiro. Se te fiz  
Confidente do impulso lisonjeiro  
Que minha alma sentiu, já tu me havias  
Dado primeiro o exemplo; e foi somente  
Pelo grande remorso, que me faz  
Aquela austeridade, aquele escândalo,  
Com que em Ósmia repreendo inexorável.  
Uma paixão que em mim vejo excitar  
Sem as suas desculpas.

#### ÓSMIA

Boa amiga.<sup>104</sup>

De uma alma generosa é própria, é digna  
Tua satisfação. Eu como tal  
A considero, aceito, e ao mesmo tempo  
Te suplico indulgente, com minha alma,  
Aflita c'os amores desse bárbaro,  
E c'os zelos de Tântalo. Agitada  
Pela desconfiança do Romano  
Ter Minuro comprado.

#### ERÉCIA

Sei calar-me.

Desenganarei Tântalo, eu te juro,  
Da louca sem-razão do seu ciúme.  
Eu o devo fez, e me condoo  
Da tua desventura. Mas também  
Não hás-de criminar que não me exponha  
A que outra vez me digas que me aparte  
De teus olhos, que saia da tua tenda.<sup>105</sup>

#### ÓSMIA

A teus pés, desse agravo...

#### CENA VII

ÓSMIA, LÍVIO *e depois* MINURO

#### LÍVIO

Entra, Minuro.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> *Abraça-a.*

<sup>105</sup> *Parte apressada e Ósmia a quer seguir.*

<sup>106</sup> *A Minuro.*

Não te detenhas, Ósmia. Sim, vai ver,  
Vai ver o irmão de Erécia. Não te nego  
Tanta consolação.

ÓSMIA

Senhor.<sup>107</sup>

LÍVIO

Já fui,  
Já fui escravo, sim, sei a alegria  
Que te causará vê-lo.

ÓSMIA

A tua presença...<sup>108</sup>  
É já tão rara... e não...

LÍVIO

Se indiferente  
Ela fora, ao menos, cuidadoso,  
Solícito seria como de antes;  
Porém desenganado já desse ódio,  
Dessa aversão fatal e extravagante,  
O último dos teus, preferir deves  
A todos os Romanos. Entra, entra.

ÓSMIA

Se tu exceptuaras...

LÍVIO

Dize, acaba.

ÓSMIA

És meu senhor.

LÍVIO

E poderei pedir-te <sup>109</sup>  
Que me obedeças?

---

<sup>107</sup> *Confusa e olhando para Minuro.*

<sup>108</sup> *Como antes, mas sem carregar demasiadamente e observando Minuro.*

<sup>109</sup> *Com agrado.*

ÓSMIA

Entro.<sup>110</sup>

CENA VIII

LÍVIO e MINURO

LÍVIO

Ah!, que Ósmia é outra!

Chamava-te, Minuro, resolutivo  
A dar-lhe essa notícia; mas detive-me,  
Vendo-a já na porta, pois de escravo  
Poderia sabê-la. E por fim vejo  
Tais efeitos da tua diligência,  
Que assim tos agradeço.<sup>111</sup> Ósmia é já outra.  
Dispõe da liberdade.<sup>112</sup> é virtuosa.  
As cadeias do estado é que prendiam  
Seus affectos primeiros. Insensível  
Foi à morte?

MINURO

Senhor, tu te distingues  
Dos mais Romanos tanto, que não creio  
Que tornes a tirar-me o que tens dado.

LÍVIO

És livre.

MINURO

Pois modera esse alvoroço  
E a novos combates te prepara.<sup>113</sup>

LÍVIO

Não me enganes, ingrato!

MINURO

---

<sup>110</sup> *Entra.*

<sup>111</sup> *Abraça-o.*

<sup>112</sup> *Corteja-o com submissão.*

<sup>113</sup> *Estremece Lívio.*



Antes reparo,  
E como agradecido, aquela fé  
Na parte em que faltou, que é um escravo  
Incapaz de virtude. O prisioneiro  
É o amante de Ósmia.

LÍVIO

Céus!

MINURO

Repara.

LÍVIO

Mas Ósmia tão sujeita, tão afável!

MINURO

Como nunca, senhor, pois como tu  
A persuadias, tanto a obrigavas  
A que entrasse na tenda e lhe auguravas  
A alegria de vê-lo...

LÍVIO

Sim, Minuro.

MINURO

E ela parcial me imaginava  
Dessa tua paixão, como se disse,  
Duvidou que to houvesse revelado.  
Assusta-se, não viste?

LÍVIO

Ah, que verdade!

MINURO

Mas tornou em si logo, porque a prática  
Foi já menos equívoca. Responde-te,  
Porém de mim os olhos não tirava.

LÍVIO

Agora é que reparo.

MINURO

E aquele agrado  
Era puro artifício do receio  
De poder entregar-se, e ao mesmo tempo,  
Um estímulo forte a que tu não  
Deixaras de sair, quando eu acaso  
Te houvesse prevenido; da ironia  
Passaras à verdade. Logo astuta,  
Mal se tirou da dúvida, se val  
Do primeiro pretexto com que ilude  
A precisa resposta; e em vez de dá-la,  
Te foge, ou se retira.

LÍVIO

E sofrerei?...

MINURO

Ela ama-te, senhor,<sup>114</sup> e conheci-o  
Antes de merecer-te a confiança  
Que me fizeste.

LÍVIO

Dize.

MINURO

Mas desculpa-me,  
Pois lhe dei contra ti funestas armas,  
Renovando-lhe aqueles juramentos  
Sagrados contra Roma.

LÍVIO

Assassinaste  
Ao nascer esse amor, que lhe excitava  
Minha acção generosa... Mas podias  
Ter virtude? Que infame! E ainda dizes,  
Mentiroso, que me ama?

MINURO

Foi então,  
Então que o confirmei! Pois compreendia,  
Mal a servia o pejo a equivocar

---

<sup>114</sup> *Espanta-se Lívio.*

Com os sagrados nomes de amizade,  
De reconhecimento, aquele afecto  
Que tanto sobressai, e ainda oculto,  
A má fé não se esconde. Já a movia  
Teu sangue derramado. Já culpava  
Os Deuses vingativos: (temerário  
Recurso da fraqueza, ou da vaidosa  
Soberba dos mortais) e já negava.  
E por fim me defende descobrir-te  
A morte de Ragúcio: não sabia  
Desculpar-se inocente, e já turvada  
Me quis satisfazer arrependida.  
Mas quando viu Erécia, (olha, senhor,  
O que vou revelar-te! não o sonhe  
Algum dos Lusitanos, o seu ódio  
Me houvera de tratar, como fez Ósmia,  
Já de traidor à Pátria) curioso  
Escutei e ouvi um tal combate  
De virtude e de amor, que o coração  
Me saía do peito e me faltavam  
De suspensão e lástima tais lágrimas,  
Que os soluços me obrigam a deixar  
A começada empresa, por temer  
Que eles me descobrissem. Irritada  
É toda essa constância; o tom severo,  
Seu carácter não é para com Lívio.  
Teme a sua fraqueza, e não podendo  
Suportar, resistir aos teus combates,  
Com aquelas fantasmas, sombras vãs,  
Monstruosas imagens contrafeitas  
Da virtude que amor soube vencer,  
Como te disse já, quer evitá-los.  
A tua desistência, o teu receio  
É que podem salvá-la.

## LÍVIO

E conseguira-o,  
Quando minhas finezas não triunfassem.  
Mas se esta paixão cega escureceu  
Numa alma generosa, qual a minha,  
Aquele esforço nobre com que todas  
Até hoje venci: não fora indigno  
Que deixasse nos braços de um escravo  
Aquele heróico prémio, que restaura  
Quanta glória perdi? Fora a vileza  
No seu mesmo arraial, ter um Romano,  
Um competidor bárbaro. E sofrer  
Que triunfem carícias e molezas  
De um sangue que costume vender caro.

Impossível enfim que o meu ciúme  
Entregue a um amante, a um amado;  
Aquela companhia que zelara  
Dos olhos, pensamentos, sim, da sombra,  
Do nome de varão. São os Romanos  
Tão grandes na vingança, como são  
Na generosidade.

MINURO

A Lusitana

Uma paixão venceu, que era maior  
Que essa que tem por Lívio. Nem a tua  
Equivale à de Tântalo. O rancor  
Que tem contra os Romanos não é menos  
Poderoso que aquela obediência,  
Nem por menor virtude ela o reputa.  
É heroína... teme...

LÍVIO

Sairei

Em mui poucos minutos dessas dúvidas,  
Mais fatais para mim que as consequências;  
Ver-me-ei antes com Fábio, saberei  
O que lhe disse a falsa; e porque não  
(Faltando tu) conforme ela suspeita,  
que já lhe conhecestes quando entrámos,  
demora-te esta noite. Amanhecendo  
te farei escoltar.

MINURO

Olha, senhor,  
Que já me prometeste...

LÍVIO

Já és livre;  
Porque me disse, ingrata, que me amava.

FIM DO ACTO SEGUNDO

## ACTO TERCEIRO

### CENA I

TÂNTALO *e depois* MINURO.  
*Sai TÂNTALO da tenda de ERÉCIA.*

TÂNTALO

Minuro.

MINURO

Quem?... Ó Tantaló, já tive  
A mágoa de te ver.

TÂNTALO

E demoraste  
Essa consolação de te abraçar <sup>115</sup>  
Já depois de chorado, como perda  
Tão sensível à Pátria, como amigo,  
O mais fiel, mais íntimo?

MINURO

Era Escravo.

TÂNTALO

Pois tens a liberdade?

MINURO

Neste instante  
Acabou o Romano de acordar-ma.

TÂNTALO

E seria com Ósmia igualmente  
Generoso?

MINURO

Não sei, é recitado.

---

<sup>115</sup> *Abraça-o, e a Minuro parece que lhe caem os braços.*

Eu nunca lhe pedi, nem a esperava.

TÂNTALO

Que suspeita me dás, de que o Romano  
Da desgraçada Ósmia namorado.  
Talvez lisonjeando-te da acção  
Que por ela fizera e interpretando  
A seu favor aquelas naturais  
Singelezas, sorrisos e carícias  
Do seu génio cortês, brando e afável,  
Não aparte da sua companhia  
Um Lusitano austero, o virtuoso  
Minuro; e substitua um vil escravo,  
Não só seu parcial, mas que não dê  
Sujeição a cativa.

MINURO

Não me afasto  
Desse teu pensamento, inda que nunca  
Vi no braço romano, que inda ignora  
A morte de Ragúcio, mais que horror  
Ao nefando adultério; e na heroína  
Aqueles pensamentos puros, dignos,  
Que tu melhor do que eu deves supor  
Da castidade de Ósmia.

TÂNTALO

Infame Erécia!  
Emulação do sexo, a quanto chegas!  
Infeliz formosura!

MINURO

No arraial  
Todas as mais cativas lhe desejam  
Beber o sangue, não as satisfaz  
Macularem-lhe a honra. Tanto pode  
O seu merecimento e a distinção  
Com que o senhor a trata.

TÂNTALO

Mas, Minuro...  
Divulgada que seja no arraial  
A morte de Ragúcio, falta o freio  
Que o detinha. E quem, se tu te ausentas,  
Conterá a violência?...

MINURO

Uma virtude  
Que não cede às paixões nem à fortuna.

TÂNTALO

Mas cederá à desgraça.

MINURO

Se ela fora  
Minha filha, eu to juro, eu a deixara.

TÂNTALO

Tal é sua virtude? Tanto fias?...

MINURO

Por largar as cadeias, nem eu sei  
Se menos lhe bastara.

TÂNTALO

Inestimável  
Foi sempre a liberdade; mas a honra!...

MINURO

Sou querido não sou, nem seu amante.  
Em qualquer destes casos pode ser  
Que também vacilara. Mui contígua  
Fica a tua barraca; tu que as temes,  
Evita as consequências.

CENA II

ÓSMIA *e ditos*

ÓSMIA

Não ouviram  
Tocar a recolher?<sup>116</sup> Inda os clarins  
Estão soando.

---

<sup>116</sup> *Como que escutam Tântalo e Minuro.*

TÂNTALO

Vou, mas felicita  
A Minuro.

ÓSMIA

De quê?

TÂNTALO

Da liberdade.<sup>117</sup>  
Augurando-te...

ÓSMIA

Não. Tão vergonhosa  
Não a quisera Ósmia.

TÂNTALO

Vergonhosa!  
Quando chega a alcançá-la sem pedi-la.

ÓSMIA

Olha como se cala! Que mais prova  
Daquele modo infame, porque o vil  
A terá merecido.

MINURO

Este é o pago...

ÓSMIA

De quê, traidor? De seres o primeiro  
Que se atreveu no mundo a suspeitar  
Contra a minha virtude!

TÂNTALO

Enganas-te, Ósmia.

ÓSMIA

Não o conheces, Tântalo.

---

<sup>117</sup> *Assusta-se Ósmia.*



MINURO

Responde.<sup>118</sup>

ÓSMIA

Responde tu. Pois negas que intentaste  
Sugerir-me a fortuna do consórcio...  
Temerário, de Lívio, de um Romano?

MINURO

Discorria no caso de cair  
Ou de render-se a Pátria; e da amizade  
Da República...

ÓSMIA

Basta.

TÂNTALO

Ele de ti  
Me falou, como eu de ti falara,  
Como sempre quisera que de mim  
Falasse o mundo.

ÓSMIA

Basta; mas repara,  
Ardiloso Minuro... Atende, sabe  
Que das últimas vozes que me ouviste  
Dar a Lívio, (talvez as mais afáveis  
Que ouviu, nem ouvirá da boca de Ósmia)  
Tu, Minuro, tu; sim, tu foste a causa.

MINURO

Assim o presumi. Desconfiavas  
Das palavras equívocas de Lívio,  
Que eu lhe tivesse, infame, revelado  
Os amores de Tântalo. Porém  
Não te desenganaste? Como ainda  
Me criminas, injusta? Esse furor  
Ou cego amor da Pátria, que ta fazem  
Ter por inexpugnável e invencível;  
Basta a julgares todos, que ta pintam,

---

<sup>118</sup> *A Tântalo.*

Senão menos zelosos, mais sisudos;  
Traidores contra ela e contra ti.

ÓSMIA

Conheço-te, Minuro.<sup>119</sup> Vai-te em paz.  
Olha que to diz Ósmia: não é essa  
Que tu figuras. Teme revelar  
O teu vil pensamento, com receio  
De ficar mentiroso. Tarde ou cedo  
Tu a conhecerás.

MINURO

Senhora.

ÓSMIA  
Vai-te.<sup>120</sup>

CENA III

ÓSMIA e TÂNTALO

ÓSMIA

E tu, Tântalo, já que os Céus quiseram  
Punir no teu conceito pela minha  
Reputação perdida; quando creste  
Mais a fé duvidosa de um traidor,  
De um parcial de Lívio,<sup>121</sup> que talvez  
Com falsas esperanças, vãos pretextos  
E c'um tráfico vil da minha honra  
Negociasse a sua liberdade.  
Do que a longa constante experiência  
De uma heroína virtude, que bem posso  
Chamar-lhe assim, só eu soube os limites  
Dessa cruel paixão. Mais do que a fé,  
Que sempre mereceu minha palavra;  
Que assim sois os zelosos...

TÂNTALO

Ah!, perdoa,  
Desculpa o meu ciúme. Ele era injusto,

---

<sup>119</sup> *Dando à cabeça.*

<sup>120</sup> *Parte Minuro.*

<sup>121</sup> *Sobressalta-se Tântalo.*

Porém era fundado e contra ti  
Arguía a suspeita. Tu eras parte.

ÓSMIA

Dei-me por satisfeita. Porém já  
Que tens facilidade de sair  
Deste arraial...

TÂNTALO

Mas, Ósmia!, hei-de deixar-te  
Nas mãos desse Romano?

ÓSMIA

Se tu zelas  
A minha honestidade...

TÂNTALO

Zelo e amo;  
Mas não posso negar-te que renovas  
Com essa persuasão cruéis ciúmes.<sup>122</sup>  
Parte Minuro, Erécia lisonjeia-se  
De assegurar c'o a minha companhia  
O seu, o teu recato.

ÓSMIA

És Lusitano!  
E vês arder a Pátria; tu que podes  
Melhor que nenhum outro socorrê-la,  
Pelos teus marciais grandes talentos!  
Recobrar com teu nome aqueles ânimos  
Abatidos, talvez, por lhes faltar  
Um capitão esperto! Restaurar  
O crédito das armas e vingar  
No sangue do pretor esse inocente  
Que viste derramado! Tens as portas  
Abertas com desonra da Nação!  
Podes fugir comigo e não te atreves  
A deixar-me por ela! De um suspiro,  
De uma lágrima só não foras digno,  
Se jamais te pudera imaginar  
Capaz dessa fraqueza.

TÂNTALO

---

<sup>122</sup> *Dá Ósmia sinal de si.*

Ah, Ósmia!

ÓSMIA

Tântalo!

Amas a honra? Mentas, ou não sabes  
Entendê-la. Que vulgo faz na honra  
Expor duas mulheres (que ninguém  
Pode guardar, só elas se defendem)  
Para ver expirar (sem a perderes)  
A agonizante Pátria, adormecido  
No seio da paixão; como te engana!  
A moleza, a ternura, é que zelosas  
Das coroas, que vem das mãos da glória,  
Te trazem indeciso, assim te encantam,  
Te fazem preferir ao verde louro  
Frágil, pálido mirto. Erécia esconde  
Um punhal no regaço; e Ósmia, é Ósmia.  
Essa tua demora a manhã cobre  
De infâmia a sua honra, divulgado  
O nosso amor porém; e quem responde  
Pela vida de Tântalo nas mãos  
Do ciúme de um bárbaro, que perde,  
(Tão cego está por mim) o generoso  
Desinteresse, humano e gracioso,  
Com que sempre tratou a liberdade  
Das ditosas mulheres suas escravas.  
Na tua vida, Tântalo, talvez  
Que esteja a da cativa Lusitânia.  
Nada perde nos braços, nas cabeças  
Destas duas mulheres. De que servem?  
Sem forças, sem ensino. Parte, Tântalo.

TÂNTALO

Já partirei; mas ouve...

ÓSMIA

Não te escuto.  
Vê que a posteridade é mui severa:  
Murmura dos heróis, porque beijaram  
As cadeias que largam. Parte, parte,  
Parte, Tântalo, e já.

TÂNTALO

Sim... partirei...  
Partirei sim... cruel; mas vai comigo

Mais ardente que nunca o meu ciúme...

ÓSMIA

Se tornas às injúrias...

TÂNTALO

Se tu...

ÓSMIA

Cala-te.

Já não é das menores presumir  
Que no coração de Ósmia ardam por ti  
Relíquias de paixão, restos de amor.  
E toda a liberdade c'o ele expira.  
Não me insultes e vai-te.

TÂNTALO

No tirano

Banharei...

ÓSMIA

Não te ofende, não me afronta.

TÂNTALO

Não me ofende! Não te ama?

ÓSMIA

E que domínio

Tens hoje sobre mim? Vai-te... ou...

TÂNTALO

Senhora!<sup>123</sup>

ÓSMIA

Que gemidos!...<sup>124</sup> Não ouves?

TÂNTALO

---

<sup>123</sup> *Ajoelha.*

<sup>124</sup> *Como que os escuta.*

Quem?<sup>125</sup>

ÓSMIA

A Pátria.

TÂNTALO

Impostora...<sup>126</sup> te vales do sagrado...

ÓSMIA

Ó Romanos! Vingai, ou matei Ósmia.<sup>127</sup>

TÂNTALO

Retiro-me, cruel; porém não parto.<sup>128</sup>

CENA IV

*ÓSMIA e depois RAGÚCIO vestido como soldado romano*

ÓSMIA

Para tantos assaltos, que virtude  
Me fortalece!<sup>129</sup> Deuses... Sonho, ou vejo...  
É fantasia... É sombra?

RAGÚCIO

É animado  
Do furor do ciúme um Lusitano.  
É teu marido: Jura.<sup>130</sup> Que te espanta?  
Que estranhas?

ÓSMIA

Céus!

RAGÚCIO

Assim, assim trajava

---

<sup>125</sup> *Assustado.*

<sup>126</sup> *Levanta-se furioso.*

<sup>127</sup> *Como que quer que a ouçam.*

<sup>128</sup> *Parte.*

<sup>129</sup> *Entra Ragúcio.*

<sup>130</sup> *Brandamente e com ênfase.*

O teu libertador.<sup>131</sup> Este assassino  
Da minha honra.

ÓSMIA

Ó Deuses! O ciúme  
Te faz blasfemo.

RAGÚCIO

Jura de dizer-me  
A verdade, protesta...

ÓSMIA

Juro.

RAGÚCIO

Agora  
Lembra-te do castigo com que os Deuses  
Fulminam os perjuros. E que o sangue  
Dos agressores lava toda a mancha  
Que eles deixam na honra. Vive o adúltero?

ÓSMIA

Por morto no conflito, um vil escravo  
Te deu no arraial.

RAGÚCIO

Com menos susto  
Respira teu marido. não é tão  
Execranda a violência. Mais desculpa  
Tem a tua fraqueza... continua.

ÓSMIA

Fraqueza, nem violência...

RAGÚCIO

Dize, acaba.

ÓSMIA

Cedeu, nem triunfou. Conserva intacta

---

<sup>131</sup> *Reforça a voz.*

A tua, a sua honra esta consorte;  
Obrigada, servida, requestada  
No romano arraial; porém fuja-mos.<sup>132</sup>

RAGÚCIO

E terei coração para perder-te,  
Para expor-te, depois de te encontrar,  
Não só esposa casta, mas heroína?<sup>133</sup>

ÓSMIA

Mas dize-me, senhor: Tu não entraste  
Agora no arraial? Por onde entraste  
Não poderás sair?

RAGÚCIO

O desertor  
Que me largou a farda ponderou  
Tais riscos, tais perigos...

ÓSMIA

O contrário  
Dizem os prisioneiros que hoje entraram.

RAGÚCIO

Porém uma mulher não vi no campo.  
Ou fosse acaso, ou seja disciplina,  
Estranho se fará.

ÓSMIA

E se te apanham?  
E se te reconhecem? Como espia  
Te verei afrontar! Deuses!<sup>134</sup> Quem sabe  
Se a cegueira de Lívio, que jurou  
De si não separar-me enquanto vivo:  
(Apesar da virtude que o contém)  
Pretextará, talvez para violar-me,  
O teu atroz delito que as Leis punem  
Com a última pena.

RAGÚCIO

---

<sup>132</sup> *Vai a pegar-lhe na mão.*

<sup>133</sup> *Abraça-o.*

<sup>134</sup> *Suspensa por alguns instantes.*



Ósmia, sossega.

ÓSMIA

Contigo no arraial?

RAGÚCIO

Cuido que a hora  
Nos tira de cuidado. Ou sempre é livre  
A entrada na tenda das escravas  
A seu senhor?

ÓSMIA

Não sei; mas Lívio nunca  
Tomou tal liberdade, não depois  
Do toque que escutaste. Porém dize-me:  
Essa voz que espalharam da tua morte,  
Tão circunstanciada, teve algum  
Motivo ou fundamento? Ou foi traição  
Daquele infame escravo?

RAGÚCIO

Teve todo.  
Três dias, como morto, entre os cadáveres,  
Esvaindo-me em sangue, a triste vida  
Sustentei; restaurando (dizem físicos)  
Aquele que perdera, com o muito  
Que bebesse talvez, e em que nadava  
O malfadado campo. A fria chuva  
Que sobreveio na terceira noite  
Estremece o cadáver e os espíritos  
Se chegam a animar, lá quando o sangue  
Coagulado as feridas tapa.  
Fugiram as matronas assustadas  
Que guardavam as cinzas e enxotavam  
Dos corpos dos maridos que já ardiam  
Os abutres, os corvos insaciáveis.  
Tão estranhos lhes foram meus gemidos,  
Que de espíritos maus os reputaram!  
Mas lembrando-lhes logo que seriam  
Talvez de algum Romano, atrás voltaram  
Por fazê-lo em pedaços, como tinham  
Praticado com quantos encontraram;  
Por cevar sua cólera e os deixarem  
(Ah, que insanas!) mais fáceis, mais pastosos  
Às carniceiras aves. Elas foram  
As que assim o contaram, no lugar  
Aonde me arrastou sua piedade.

Convalescente já (Céu!) que imprudentes,  
Os ou malévolos somos! Dous amigos,  
Ou dous atraídoados me pintaram  
Com cores tão funestas o estupendo,  
Apaixonado modo com que um cabo  
(À custa dos eu sangue e derramado  
O dos Romanos) viva e sã.  
Em triunfo do braço te levava;  
Que sentiria menos, cara esposa,  
Que morta te deixasse. Tão convulso  
E tão fora de mim me viram logo,  
Um sobressalto tal sentiu minha alma,  
E tal meu corpo...

ÓSMIA

Deuses!

RAGÚCIO

Que de novo  
Se soltam a correr quantas feridas  
O cobriam; devoro-me, perdi  
Todo o conhecimento. Furioso,  
Para me assassinar a mão lançava  
Ao punhal, à espada; o mesmo sangue  
Que perdi me restaura. Apenas pude  
Deixar o leito, meus primeiros passos  
Ao arraial me trazem. Engenhosos,  
O ciúme, a vingança, amor, a honra  
Até'qui me guiaram.

ÓSMIA

Ah!, fujaamos.  
Fujaamos do arraial. Casta Diana,  
Meus rogos escutaste. Sim, a Deusa  
Viu o termo infeliz a que chegava  
Minha reputação. Este Romano...  
Cortês aspira ao prêmio; quis devê-lo...  
Mais às ânsias que à força...

RAGÚCIO

Dize, acaba.

ÓSMIA

Obrigando-me, sim, não constringendo-me.  
Mas temo que, informado pelo escravo,

Que traidor!, desse zelo generoso  
Com que Tântalo...

RAGÚCIO

Tântalo?<sup>135</sup>

ÓSMIA

Que está  
Também prisioneiro no arraial,  
Me queria salvar das mãos do bárbaro...

RAGÚCIO

Mais o temeram, Ósmia, que o Romano.

ÓSMIA

Eu te chorava morto, mas honrava-te.  
Por isso preferi o cativo  
À liberdade. Temo, e muito temo,  
Que passe da veemência das pelos  
À decisão da força.

RAGÚCIO

Este punhal<sup>136</sup>  
Te salvará enquanto vou tentar  
A vereda ou o passo.

ÓSMIA

Vou contigo.

RAGÚCIO

O medo te confunde. Se ele acaso  
Entretanto vier, não lhe resistas.

ÓSMIA

E tu deliras?

RAGÚCIO

---

<sup>135</sup> *Espanta-se.*

<sup>136</sup> *Tira e dá-lhe o punhal, ela o recusa com alguma demonstração modo do que o susto; porém de sorte que Ragúcio não deve desconfiar.*

Não. Toma o punhal,<sup>137</sup>  
Carinhosa lhe fala, e com pretexto  
De pudor, o conduz fora do campo,  
A distância em que em vão possa chamar,  
Já com lânguida voz, em seu socorro  
As patrulhas e guardas. E atravessa  
O coração do bárbaro.<sup>138</sup> Desarma-te  
A imagem da morte do...<sup>139</sup> Perjura.

ÓSMIA

O Romano... Ragúcio... Aqui te salva...<sup>140</sup>

RAGÚCIO

Não deixo assassinar-te tão vilmente...<sup>141</sup>

ÓSMIA

Que te perco e me perdes.

RAGÚCIO

Tu por ele,  
Não por mim estremece.

ÓSMIA

Os teus dias,  
Mais caros do que os meus... mata-me, ou entra.

RAGÚCIO

Por vingar-me de ti. Sim, por te ver  
Expirar de vergonha...

ÓSMIA

Ah, entra...

RAGÚCIO

Entro.

---

<sup>137</sup> *Pega-lhe com susto e de má vontade, ficando-lhe o cabo para o chão.*

<sup>138</sup> *Cai-lhe o punhal e ela o apanha como insensata.*

<sup>139</sup> *Aparece um grande clarão na tenda que entrará pela porta. Ósmia corre a ele e abre-a alguma cousa, isto é vivíssimo, e uma, e outra vez vai e volta instantaneamente, como o caso o pede.*

<sup>140</sup> *Na tal comunicação para a tenda de Erécia.*

<sup>141</sup> *Tira a espada.*

Entregas-me, traidora?

ÓSMIA

Eu entregar-te!

ÓSMIA

Nem já me satisfazes, se o não matas.<sup>142</sup>

CENA V

LÍVIO e ÓSMIA

LÍVIO

Ósmia?

ÓSMIA

Senhor.<sup>143</sup>

LÍVIO

Não tremas, mas não querias  
Do pejo de donzela, não, que tanto,  
Tanto que me enganou! Nem da constante  
Virtude de casada, com que tu  
Me trouxeste iludido!<sup>144</sup> formar outro  
Argumento infalível de poderes  
Também como heroína e mulher forte,  
(Que da virtude das Romanas mofa)  
Zombar hoje de Lívio. A mesma honra  
Com que te pretendi como inocente;  
Com que te respeitei como casada,  
Obriga a que não sofra quando és livre,  
Escusas que a afrontam, com injúria  
Do sangue que me anima e desse nome  
De cidadão romano. Não são ímpios  
Os lusitanos ritos; não defendem,  
Não, as segundas núpcias. Esse horror  
De seres a primeira Lusitana  
Que recebe em seu leito a um quirite,  
Meu exemplo o desfaz; sendo também

---

<sup>142</sup> *Entra.*

<sup>143</sup> *Tremendo, mas sem excesso.*

<sup>144</sup> *Dá Ósmia sinal de si.*

O primeiro Romano que o cedeu  
 À lusitana escrava. Não são elas  
 Mais dignas que as civis mulheres livres  
 Da Cit'rior Espanha. Por vaidade  
 Tem nossos casamentos. O meu sangue  
 O teu salvou; e não, não te encareço  
 Este excesso; por mim, que não por Ósmia,  
 O expus, derramei. Mas os extremos  
 Que se seguiram! Bárbara, cruel!  
 Um coração de ferro abrandariam;  
 Não abrandam o teu. Olha o fim santo!  
 A minha mão te dava (quando o sangue  
 De que me vês coberto me tirava  
 Toda a humana esperança de abraçar-te)  
 Por te salvar a honra. Sobre a areia  
 Dele tinta escrevi com esta espada.  
 Que escândalo, ah cruel!, inda vertia  
 O de tantos Romanos, sim, por ti.  
 Por ti assassinados; escrevi  
 Na face deles mesmos a favor  
 Dessa mesma inimiga que os matara;  
 Minha última vontade: Tu a leste.  
 Se desinteressada a desprezaste;  
 Se soberba te apressas a apagá-la;  
 Desdenhosa e colérica a pisaste.  
 Não abates a acção. Não. Nem a tua  
 Me deixou de ser grata. O que devia  
 Qualquer de nós obrava. Não se enganam  
 Os Romanos com Roma; generosos  
 Adoram a virtude aonde a acham.  
 Nem te culpo o temor, não, de a arriscares,  
 Descobrimo-me a morte de Ragúcio.  
 Tudo minha paixão faz reçar.  
 Nem quero já valer-me do domínio  
 Que tenho sobre a vida e liberdade;  
 Se desta sou senhor, por conquistá-la,  
 Daquela o sou também por ta haver dado.  
 Amor, poder, não bastam no meu ânimo  
 Para justificar acções indignas  
 Da razão, consciência, da Justiça,  
 Ou da humanidade: Armas terríveis  
 Que defendem os fracos. mas os zelos,  
 Os zelos de um escravo,<sup>145</sup> são mais fortes  
 Do que a minha virtude; tanto os teme,  
 Que já dobrei as guardas,<sup>146</sup> receando  
 (Ou como comandante, ou como Lívio)  
 algum louco atentado pelo amor,

---

<sup>145</sup> *Torna Ósmia a dar sinal de si.*

<sup>146</sup> *Outro sobressalto.*

Ou pelo atrevimento suscitado:  
Que lhe fora igualmente vergonhoso,  
Ou amante, ou soldado. Na tua tenda  
A tais horas entrei, porque já salva  
A tua mão de esposa,<sup>147</sup> todo o escândalo  
Que disso resultara; determina-te  
A conceder-ma já.<sup>148</sup> Deténs-te? fala:  
Uma desculpa dá que satisfaça,  
Que convença, que abata, que destrua  
A força das razões com que desarmo  
O teu capricho. Não, não são meus olhos  
Tão cegos que não vejam no teu peito  
Sensível ao amor e à piedade  
Os estragos que faz no ódio romano  
A virtude de Lívio. Sou domável,  
Eu quis-te por mulher, eras casada.  
Hesitei? Vê se tens uma desculpa  
Equivalente a essa. verás logo  
Ceder Lívio.<sup>149</sup> Não falas? Má, ou boa,  
Uma desculpa dá.

ÓSMIA

Sou Lusitana.<sup>150</sup>

LÍVIO

Sou Romano:<sup>151</sup> Cruel!<sup>152</sup> A Roma ultrajas,<sup>153</sup>  
Não a Lívio. Traidor segunda vez  
Não serei contra a Pátria, não; sofrendo-te  
No seu mesmo arraial, essa vaidade  
De sacrificar Lívio, por quem morres;  
Ao desprezo que fazes da República.

ÓSMIA

Por quem morres?...

LÍVIO

Minuro...

ÓSMIA

---

<sup>147</sup> *Assusta-se.*

<sup>148</sup> *Suspira e põe os olhos no Céu quando Lívio estende a sua.*

<sup>149</sup> *Com brandura.*

<sup>150</sup> *Inteira.*

<sup>151</sup> *Irado.*

<sup>152</sup> *Patética.*

<sup>153</sup> *Forte.*

Esse traidor  
Poderá enganar-te com fantásticas,  
Lisonjeiras mentiras, com que compre  
A sua liberdade; se és tão fácil,  
Que de um traidor te fias; porém ler  
Cá dentro na minha alma...

LÍVIO

Ah, que ele a viu  
Fora do peito já.<sup>154</sup>

ÓSMIA

Quando? Traidor!

LÍVIO

Quando nele, cruel, já não cabia  
A paixão monstruosa, e desabafas  
Com Erécia...<sup>155</sup> Mentias ou falava  
O coração... Confundes-te? ouviu tudo.

ÓSMIA

Generosas também as Lusitanas,<sup>156</sup>  
Ainda a sombra da virtude admiram  
Nos bárbaros Romanos, tão estranha  
Se lhes faz! Não querias que louvasse  
Aquele esforço bravo que te expôs  
A dar por mim a vida? Aonde viste,  
Aonde a formosura sem vaidade?  
Ostentam, encarecem os triunfos  
Por mais modestas e por mais sisudas  
Que sejam as matronas, quando a vem  
Assombrada, ou receiam repetida.  
Ainda que contigo a natureza  
Tão pródiga não fora, eu te fizera  
Aos olhos de Erécia virtuoso,  
Por uma emulação do fraco sexo:  
Por mostrar o poder dessa caduca,  
Instantânea beleza, que devera,  
Não das felicidades, mas entrar  
No número infinito das misérias,  
Com que o lança no mundo a natureza,

---

<sup>154</sup> *Ósmia estranhando.*

<sup>155</sup> *Estremece Ósmia.*

<sup>156</sup> *Inteira e desdenhosa.*



Parece que indignada.<sup>157</sup> Enfim, jurei  
O ódio aos Romanos. sim, eu te amo,  
Eu te distingo, adoro, sou sensível...

LÍVIO

És prudente e discreta; és racional.<sup>158</sup>

ÓSMIA

Mas perjura não sou. Estimo Lívio,  
Mas detesto os Romanos. como posso  
Unir estes extremos?

LÍVIO

Triunfando  
A força da fraqueza.

ÓSMIA

Pois triunfa,<sup>159</sup>  
Triunfa da paixão. Conserva ileso  
Minha religião, minha virtude.  
Vale menos a vida: que me deste?  
Se tão cara ma vendes!...

LÍVIO

Ah, cruel!

ÓSMIA

Tua escrava sou. Sou Lusitana.  
Sou o ódio de Roma. Porém tu,  
Se te esqueceste dele para dar-ma,  
(Acção que se lerá nunca nos fastos  
da magnífica Roma, se a malogras)  
Serias tão tirano, que pudesses  
Ver-me expirar sem honra e liberdade;  
Cousa que não negaste, nem àquele  
Mais indigno de ver a luz do dia.

LÍVIO

Levanta-te, cruel.<sup>160</sup>

---

<sup>157</sup> *Forte.*

<sup>158</sup> *Satisfeito.*

<sup>159</sup> *Ajoelha e chora.*

ÓSMIA

Assim exaltas  
Mais a tua virtude. Não te exponhas  
A vê-la desmaiada e abatida  
Aos pés de uma mulher! Em vão, em vão  
Te arrependerás, Lívio! Esta fraqueza  
Do sexo se compensa na cegueira  
E na temeridade com que empreende  
Acções de que estremece o que é mais forte.  
Engrandece o teu nome, o dos Romanos.  
Faze um milagre desses que nos contam,  
Obrados sempre com remotas gentes.  
Não seja a Lusitânia só teatro  
Das infâmias de Roma. Eu lhe protesto,  
Se tal acção fizeres, ainda à vista  
Da traição do pretor, que não padeça  
A honra da República.

LÍVIO

Levanta-te.  
E lembra-te, cruel, que inda respiro.  
Que jurei de não dar-te a liberdade.  
Também não sou perjuro.

ÓSMIA

Nem por ela <sup>161</sup>  
Me veria a seus pés algum Romano.  
Por um marido...

LÍVIO

É morto: que sacrifício!  
E que vivesse, ingrata, és minha escrava.

ÓSMIA

Vive Ragúcio, bárbaro, respeita  
Sua consorte.

LÍVIO

Vive!

---

<sup>160</sup> *Aflito e sempre pensativo.*

<sup>161</sup> *Levanta-se furiosa.*

ÓSMIA

Sim, respeita,  
Se tens religião... treme... Já impunha  
A lusitana espada...<sup>162</sup>

LÍVIO

Tu deliras.  
Enquanto duvidava se era vivo,  
Queres intimidar-me, (que enganada  
Talvez do seu ciúme) com dizer  
Que viria afrontar-me no meu mesmo  
Arraial; que vaidosa! À tua vista  
Seria justicado.<sup>163</sup> Agora esperas  
Que torne dos Elísios, por livrar  
A esposa imprudente, a quem honrara  
Um consorte Romano! Se pudera  
Deixar essa morada, só seria  
Por tirar-te dos braços desse amante,  
Que talvez lá nos campos venturosos,  
Inda depois de morto, como em vida,  
Lhe perturbe o sossego que os mais logram.  
Com ele te viu Fábio, tu mo ocultas:  
Com semblante iracundo, tu chorosa.  
Não cedas à razão, pois cede à força.<sup>164</sup>

ÓSMIA

Assassino-te, Lívio.

LÍVIO

Temerária.<sup>165</sup>

ÓSMIA

E morrerai escrava!<sup>166</sup>

LÍVIO

Quando tinha  
Mais razão de temer-te, a minha espada  
Te cedo e não te atreves. Eu mereço-to?...<sup>167</sup>

---

<sup>162</sup> *Olha para onde ele está escondido.*

<sup>163</sup> *Estremece Ósmia.*

<sup>164</sup> *Corre para Ósmia e ela tira e levanta o punhal com valentia.*

<sup>165</sup> *Recuando.*

<sup>166</sup> *Volta-o para si e cai-lhe o braço.*

<sup>167</sup> *Pateticamente.*

Assustar-me-ás agora!

ÓSMIA

Sim.<sup>168</sup>

LÍVIO

Pois mata-me.<sup>169</sup>

ÓSMIA

Mata-me tu,<sup>170</sup> Romano, que já tens  
Embotada no sangue das matronas  
Lusitanas a espada.

LÍVIO

E Ósmia é quem...  
É quem mo lança em rosto! Tão fundados  
São os mais impropérios. Já és livre:  
Que mais queres, cruel? Mata-me.<sup>171</sup>

ÓSMIA

Morre.<sup>172</sup>

Mas tu que me fizeste? Em que me ofendes?  
Tu não me deste a vida? Respeitaste  
O honrado marido? (Se me calo!...  
Porém se falo!... Deuses!) Não perdeste  
O teu sangue por mim? Ileso, intacto,  
O meu pudor conservas? Tens a força  
E recorres às lágrimas? Lei bárbara...  
*Nem já me satisfazes, se o não matas.*  
Lei bárbara da honra. Leis severas  
Da virtude imutável.<sup>173</sup> Tu não sabes  
O susto que me anima. Que serpentes  
O coração enlaçam! Quais as fúrias  
Que me agitam!... Venceste, caro esposo,  
Triunfaste, Ragúcio.

LÍVIO

---

<sup>168</sup> *Resoluta.*

<sup>169</sup> *Chega-se a Ósmia.*

<sup>170</sup> *Caem-lhe os braços.*

<sup>171</sup> *Pega na mão de Ósmia por surpresa, ajoelha e abaixa a cabeça para o golpe.*

<sup>172</sup> *Levanta o punhal com resolução e deixa cair o braço.*

<sup>173</sup> *A Lívio moderada e, pegando-lhe pela mão, o levanta e deita os olhos para o lugar em que está Ragúcio.*

Tu deliras?

ÓSMIA

Que Diana me abrasa, me enche o peito  
Daquela ardente chama, que em teus braços  
A alma nunca provou nem a cendou  
A ressentida Vénus.

LÍVIO

Larga, ingrata,  
O punhal e verás.<sup>174</sup>

ÓSMIA

Ingrata!<sup>175</sup> Ingrata!  
Ó virtude!<sup>176</sup> Sou Ósmia. Sou casada.  
Sou Lusitana.<sup>177</sup>

LÍVIO

Ah, bárbara!<sup>178</sup> Minuro.

CENA VI

MINURO, FÁBIO, *a guarda*, e depois RAGÚCIO, TÂNTALO, ERÉCIA,  
*cada um por sua vez, segundo falam, e ditos.*

MINURO

Mas que vejo, senhor!

LÍVIO

Matou-se.

RAGÚCIO

Acaba,<sup>179</sup>

Temerário, cruel!

---

<sup>174</sup> *Quer tirar-lhe o punhal.*

<sup>175</sup> *Reforçando a voz.*

<sup>176</sup> *Muda em tom furibundo.*

<sup>177</sup> *Crava o punhal no lado e quer socorrê-la Lívio, porém não deixa tocar-lhe.*

<sup>178</sup> *Gritando.*

<sup>179</sup> *Com a espada feita e sem saber a quem há-de ferir; Lívio empunha a sua.*

ÓSMIA

Suspende, é tarde.

MINURO

Detém, Ragúcio.

LÍVIO

Céus! vive Ragúcio!

TÂNTALO

Que rumor?<sup>180</sup>

ERÉCIA

Ósmia, cara!<sup>181</sup>

ÓSMIA

Todos, todos  
Contra mim conjurastes.<sup>182</sup> Com que glória  
Vos vejo desmaiados! Mas... ó Deuses!  
Estes são os heróis que preservastes?  
Lusitânia infeliz! Insultam, vendem,  
Expõem e não se atrevem... (vis cobardes...)  
Salva o tímido esposo, salva Lívio.  
E permite, Senhor, que as minhas cinzas  
Vão descansar em paz na Lusitânia.  
Cerra-me os olhos tu.<sup>183</sup> Ó honra!<sup>184</sup> Ó  
Pátria!<sup>185</sup>

FIM

---

<sup>180</sup> *Espanta-se.*

<sup>181</sup> *Pasma.*

<sup>182</sup> *Inteira e correndo todos com os olhos.*

<sup>183</sup> *A Ragúcio.*

<sup>184</sup> *Desanimada.*

<sup>185</sup> *Sustenta-a Erécia, cai-lhe o punhal e o pescoço sobre o ombro; e cai o pano do teatro.*

\*\*\*\*\*

Transcrição de José Barbosa Machado a partir da edição de 1804 (Manuel de Figueiredo, *Teatro*, Lisboa, Impressão Régia, tomo II).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*